

6068

# DISSERTAÇÃO

SOBRE

# A PROSTITUIÇÃO

EM PARTICULAR

NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO.

## THESE

APRESENTADA A' FACULDADE DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO, EM 17 DE DEZEMBRO  
DE 1845 E PERANTE ELLA SUSTENTADA

POR

*Herculano Augusto Lafance Cunha*

FILHO LEGITIMO DE

ANTONIO DOS SANTOS CUNHA

NATURAL DA VILLA DE CHAVES EM PORTUGAL

DOUTOR EM MEDICINA PELA MESMA FACULDADE.

Il y a tant d'imperfections attachés à la perte de la vertu dans les femmes, toute leur ame en est si fort dégradée, ce point principal ôté, en fait tomber tant d'autres, que l'on peut regarder, dans un état populaire, l'incontinence publique comme le dernier des malheurs.

*Montesquieu — Esprit des lois. Cap. 8.*



RIO DE JANEIRO

TYP. IMPARCIAL DE FRANCISCO DE PAULA BRITO.

—  
1845.

DIRECTOR.

O SNR. DR. JOSE' MARTINS DA CRUZ JOBIM.

(Serve interinamente o Sr. Dr. Joaquim José da Silva).

LENTES PROPRIETARIOS.

Os Srs. Drs.

I—ANNO.

Francisco de Paula Candido, *Suplente*.....  
Francisco Freire Allemão.....

Physica Medica.

{ Botanica Medica, e principios elementares de Zoologia.

II—ANNO.

Joaquim Vicente Torres Homem.....  
José Mauricio Nunes Garcia.....

{ Chimica Medica, e principios elementares de Mineralogia.  
Anatomia geral e descriptiva.

III—ANNO.

José Mauricio Nunes Garcia.....  
Lourenço de Assis Pereira da Cunha.....

Anatomia geral e descriptiva.  
Physiologia.

IV—ANNO.

Luiz Francisco Ferreira.....  
Joaquim José da Silva.....  
João José de Carvalho.....

Pathologia externa.  
Pathologia interna.

{ Pharmacia, Materia Medica, especialmente a Brasileira, Therap., e Arte de formular.

V—ANNO.

Candido Borges Monteiro.....  
Francisco Julio Xavier, *Presidente*.....

Operações, Anatomia topogr. e Apparelhos.

{ Partos, Molestias das mulheres peçadas e paridas, e dos meninos recém-nascidos.

VI—ANNO.

Thomaz Gomes dos Santos, *Examinador*.....  
José Martins da Cruz Jobim.....  
2.º ao 4.º Manoel Feliciano Pereira de Carv., *Ex.*..  
5.º ao 6.º Manoel de Valladão Pimentel.....

Hygiene, e historia da Medicina.  
Medicina legal.  
Clinica externa, e Anat. pathol. respectiva.  
Clinica interna, e Anat. pathol. respectiva.

LENTES SUBSTITUTOS.

Francisco Gabriel da Rocha Freire, *Examinador*..  
Antonio Maria de Miranda Castro, *Examinador*..  
José Bento da Rosa.....  
Antonio Felix Martins.....  
Domingos Marinho de Azevedo Americano.....  
Luiz da Cunha Feijó, *Suplente*.....

{ Secção de sciencias accessorias.  
{ Secção medica.  
{ Secção cirurgica.

SECRETARIO.

Dr. Luiz Carlos da Fonseca.

A Faculdade não approva nem desapprova as opiniões emitidas nas Theses, que lhe são apresentadas.

## INTRODUÇÃO.

Ce sont les ouvrages mediocres qu'il faut abréger.  
Je n'ai jamais vu de préface ennuyeuse à la tête d'un  
bon livre.

*Vauvenargues—Maxim. et reflex.*

Eis aqui aberto diante de nós o theatro em que mais se representam as misérias da humanidade : o panno vai levantar-se, e teremos de ver em scena, no grande drama da prostituição, toda essa caterva de paixões ignobeis que, em lucta porfiada com a bella, fragil e timida castidade, a espancam, a ultrajam, a levam de rojo por sobre as immundicias que obstruem seus lupanares : teremos de ver depois estas mesmas paixões, em conflicto horrivel com a morte, disputarem-lhe a vida, e cahirem por fim exaustas de forças, e cobertas de chagas medonhas. O espectaculo será feio de ver, e por mais de uma vez teremos de sentir o rubor assomar-nos ás faces. Para que, e por que então o preparamos ? Na Europa habeis escriptores, sentindo a urgencia de pôr um açamo á fera da libertinagem, que atacava a decencia e saude dos povos, arremetteram com ella, e se não conseguiram exterminal-a, puderam ao menos conter-lhe a sanha. Parent Duchatelet, Robert, Villermé, Fregier, Beraud, Sabatier, Potton, Santos Cruz, &c., arrastando os epigrammas, os apodos, e os remques dos satyricos, não se dedignaram de sacrificar suas lucubrações ao estudo da etiologia e therapeutica d'esta enfermidade moral, que se chama—prostituição—suas obras foram lançadas ao campo da publicidade ; os amigos da humanidade exultaram, e a moral e saude publica soffreram melhoramentos notaveis.

Lançámos as vistas para estes dous objectos no paiz em que fomos educados, e depois de havermos por alguns annos attentado os estragos que a syphilis produz nesta pacifica população do Rio de Janeiro, propozemos de imitar os sentimentos de philanthropia que dictaram a Duchatelet, e outros, trabalhos cujo merito e utilidade são incontestaveis.

Não nutrimos a estolida protecção de que a nossa these seja ao menos comparavel com as obras d'esses autores, não ; o nosso intuito, ao escrevel-a, foi tentar melhores talentos a se occuparem de um objecto que bem merece os cuidados assiduos do legislador, do medico e do moralista. Não ha entre nós uma lei, uma medida policial ou sanitaria que garanta o povo dos insultos da syphilis, e as familias honestas das torpes scenas da libertinagem ; e em quanto nas outras nações cultas se procura levantar barreiras ao desregramento da sensualidade, e estancar a fonte dos males

venereos, aqui dorme o legislador, dorme o moralista, e dorme o medico sobre o futuro moral e sanitario de uma população que cresce prodigiosamente de dia em dia. Pois bem: incumbimo-nos de dar o alarma; e se ápos os nossos brados algum discipulo de Hippocrate acordar para se lançar á empresa de convencer o legislador da necessidade de oppôr medidas ao contagio syphilitico, ficará satisfeito o nosso intento.

Por muitas vezes contemplámos a arduidade da materia, e com nosco repetimos aquellas palavras de Homero « outro que estenda o arco de Ulisses, por que a tanto não chegam as minhas forças »; por muito tempo encarámos este objecto, cujo nome basta para causar entejo, sem nos sentirmos com animo de lhe estender a mão, apesar de nos ferir a mente este apophtegma do velho Chrêmes de Terencio: « *Homo sum: humani nihil à me alienum puto* » mas era forçoso escrever alguma cousa, e nesta alternativa escolhemos a prostituição como objecto novo, e necessario de ser estudado; escudados com a autoridade de muitos profundos philosophos que recomendam *mostrar aos homens o espelho de suas acções, e assoalhar tudo quanto elles ousam fazer* (1) não receiamos o desfavor dos homens doutos quanto á natureza da escolha que fizemos. Clamem por tanto muito embora esses animos apoucados e mesquinhos, que se atem ao dever de empuxar os outros para a frouxidão: apodem-nos boçaes criticadores: riam-se os libertinos: « *quis enim phrenetico medicus irascitur? quis febricitantis et a frigida prohibiti maledicti in malam partem accipit?* » (2)

O que vamos expender sobre a prostituição não é uma novidade que vá surprender o leitor; é a verdade conhecida por todos, e que ninguem ainda ousou entregar ao dominio da imprensa; é um epilogo da historia dos nossos vicios. Chamados pelo ministerio que exercemos, ha alguns annos, nesta capital, á essas habitações onde se aninha a libertinagem, nós mesmos temos visto o que vamos contar, sem procurarmos attenuar a fealdade dos factos.

Duchatelet teve á sua disposição a secretaria da policia de Paris, os hospitaes de venereos, as prisões, as casas de refugio, &c., e com estes meios foi-lhe possivel fazer minuciosas estatisticas, estudar o character, costumes, &c., das prostitutas, e d'esta sorte offerecer o mais completo tratado neste genero; porém nós? . . . Lançamo-nos em uma immensa charneca, ainda não roteyada, e na qual se acouta a fera da libertinagem; e sem um guia que nos dêsse a mão aventuramo-nos a explorar seus escon-drijos para investirmos com ella, inermes como estamos, em sua propria tóca. Como levar ao cabo tão temeraria empreza? Desacoraçoaomos de profligar o inimigo. Perdernos-hemos neste dedalo inextrincavel, por que nem-uma Ariadne veio deparar-nos o fio salvador; mas ficará o exemplo de nossa coragem, e da generosidade de nossas intenções; e oxalá que algum esforçado Thesêo venha em nosso encalço desfechar golpe mortal sobre o monstro da prostituição!

(1) Bayle.

(2) Seneca, De Constantia Sapientis.

## BOSQUEJO HISTÓRICO DA PROSTITUIÇÃO.

Erras, mi Lucili, si existimas nostri sæculi esse vitium luxuriam et negligentiam boni moris, et alia, que obicit suis quisque temporibus. Hominum sunt ista, non temporum; nulla ætas vacavit à culpa.

*Seneca. Epist. XCVIII.*

Quando Deos, ao sexto dia da criação do mundo, gravou no limo a sua imagem e semelhança com o eterno buril de uma vontade infinita, o homem surgiu formado por tal modo, que seu espirito estava perfeitamente subordinado ao Creador, e o corpo a seu espirito. Vio elle que alguma cousa faltava para rematar o primor das suas obras: e do flanco do homem extrahio a mulher, á quem Adão chamou o osso de seus ossos, a carne da sua carne. Ora, não havendo peccado, não havia pena, não havia morte; por que a morte foi estabelecida como pena do peccado. Andavam ambos nus, e não se envergonhavam: (1) mas apenas infringiram o decreto divino, que lhes vedava o pomo, cessou por este peccado o imperio absoluto que exercia o espirito sobre a carne; seus olhos lhes revelaram a nudez em que se achavam, (2) e procuraram occulta-la ás vista d'aquelle a quem haviam offendido, cingindo-se de folhas de figueira, e escondendo-se por entre as arvores do Paraíso. Entretanto não foi para se resguardarem das inclemencias do ar, que os dous delinquentes se-vestiram tão singularmente: uma outra causa mais secreta houve, que a escriptura envolve n'estas palavras, *consuerunt folia ficus, et fecerunt sibi perizomata*, (3) para não offender o pudor do genero humano, e dar-nos tacitamente a entender em que parte a rebellião se fazia mais sentir. Desde então assumiram as paixões da carne, victoriosas e tyrannicas: o homem foi mergulhado no prazer dos sentidos, e perdido este imperio do espirito succedeu, como diz Santo Agostinho: — *qui futurus erat etiam carne spiritualis, factus est mente carnalis* (4). Assim discorre o profundo Bossuet, arrimado á outros sabios theologos, sobre a origem da concupiscencia, laço insolúvel que nos prende a Adão rebelde, a Adão peccador, em quem ficámos todos maculados como na fonte do nosso ser. D'esta arte um peccado de natureza tão diversa, attrahiu sobre o genero humano esta inundação de males, esta serie infinita de misérias, donde nascem as agitações das mil paixões que nos atormentam, enganam, e nos cegam; e o homem que, em sua innocencia, estava predestinado a reflectir na

(1) Gen: 2 — 25. (2) Gen: 3 — 7. (3) Gen: 3 — 7. (4) De civitate Dei, lib 14, cap. 15.

terra a imagem dos anjos no Céu, e, como elles, fruir peregrinas delicias, perdeu a primeira honra de sua natureza, e, como disse o propheta Rey, tornou-se semelhante aos brutos. *Homo cum in honore esset, non intellexit, comparatus est jumentis insipientibus, et similis factus est illis* (1).

De geração em geração se ha transmittido á nós o legado fatal, que á sua posteridade deixou o primeiro homem: e de que maneira? A razão é suffocada e como que amortecida sob o peso da carne no acto da reproducção da nossa especie: no seio materno, e fora d'elle, durante muitos annos, o espirito humano é um chaos, e quando elle começa a ser alumiado pelo primeiro alvor da intelligencia, vem com ella paulatinamente surgindo todos os vicios, até que os desmandos da sensualidade venham de novo tolda-la, quando attingia apenas o seu zenith.

É pois em nossos primeiros pais, é em nossa propria natureza, que se deve estudar a pathogenia d'esta enfermidade social, cuja historia vamos bosquejar.

Ninguém, em cujo coração esteja gravado este character de castidade que o Evangelho, e antes d'elle os prophetas altamente instituiram, ninguém poderá sem cobrires de pejo, sem sentir-se suffocado por vapores mephíticos, sondar os asquerosos abysmos da historia onde se acham depositadas todas as espurcicias da prostituição. Nem nós pretendemos ir agora lá revolver esses costumes particulares, que são como a carne que lhe dá a fôrma, para fazê-la surgir em toda a sua vida; basta que apresentemos seu esqueleto: e para darmos d'elle vista colheremos seus ossos n'aquelles paizes somente que se distinguiram por algum character particular: discorreremos velozmente pelas nações onde a superstição, o barbarismo, as erroneas, e a depravação tem feito da prostituição um culto, um objecto de indifferença, um dever, uma lei, ou uma profissão, para que d'este modo não offereçamos mais do que os typos n'esta materia em que a minuciosidade poderia carear o indecoro.

Não é a prostituição um vicio gerado pela corrupção das idades modernas; suas raizes são profundissimas, e vão perder-se através dos seculos, na idade primitiva do mundo. Todos os dias a historia natural arranca das entranhas da terra testemunhas irrecusaveis da colera celeste, quando, fazendo chover quarenta dias e quarenta noites, fez desaparecer uma geração, cujos pensamentos eram todos applicados ao mal. Perlustremos as paginas do codigo sagrado da nossa religião, e aquella verdade nos será confirmada por factos numerosos, e pelas declamações dos patriarchas do antigo testamento. Os horrores de devassidão que sepultaram nas cinzas Sodoma e Gomorrha; o incesto de Lot com suas filhas; a filha de Jacob violada por Siquem; o commercio dos Israelitas com as filhas dos Moabitás; a impudencia de Zambri entrando, á vista de Moysés, e de todos os filhos de Israel, em casa de uma prostituta descendente de Sur, um dos mais illustres principes dos Medianistas; o derradeiro ultraje que aquelles homens de Gábaa fizeram com furiosa lasci-

via á mulher do Levita, e que tanto sangue custou ás tribus de Israel e de Benjamin; o incesto de Amnon com a irmã de Abrahão; o abuso que este fez publicamente das concubinas de seu pay; a sensualidade de Salamao que, ainda na velhice, a levou a mil excessos, a ponto de manter setecentas mulheres e trezentas concubinas, escolhidas d'entre as Moabitas, Ammonitas, Sidonias, e Hetheas; os sabios preceitos, ácerca da castidade, que se acham consagrados nos livros da sabedoria, no Ecclesiastico, &c. Os brados do Apocalypse e dos prophetas, e d'entre elles os de Ezequiel representando, por ordem do Senhor, as abominações, as torpezas em que cahira a cidade de Jerusalem; todos estes e muitos outros factos de que abunda a historia sagrada, são monumentos dolorosos que attestam á posteridade que a prostituição é como uma víbora nascida com o peccado, e educada lá nesses paizes onde se formaram as primeiras sociedades humanas; e que nem o pé vigoroso dos legisladores antigos, nem os anathemas dos Patriarchas, nem o peso de mil povos conculcando-a, e sobre ella evocando a colera celeste, hao podido esmagar-la.

Agora, esmerilhando os annaes da historia profana, vê-la-heis umas vezes, embuçada no manto da religião, de sobre o altar receber as homenagens e oblações de um povo inteiro holocaustando-lhe suas virgens; outras vezes, nomeada, não como uma virtude religiosa, ainda mais, como um merito; aqui recebida como uma profissão legitima, ali como um acto de hospitalidade; ora divinizada, ora infamada, tem finalmente este Protheo atravessado a espessura dos seculos, tomando todas as formas do desvario humano.

Foi o restaurador do tribunal augusto do Areopago em Athenas, foi Solon o primeiro legislador que, oppondo barreira á libertinagem, regularizou o infame trafego da prostituição. A influencia de uma religião que desafiava e santificava o prazer por meio de ceremonias voluptuosas; o desenfreamento de uma mocidade numerosa; o receio de deixar a pureza da vida domestica exposta aos embates de uma incontinençia audaciosa, e muitas outras circumstancias impelliram sem duvida este sabio legislador a estabelecer regras á devassidão publica. Entretanto foi a patria dos grandes homens, foi a Grecia talvez aquella que tambem amalgamou mais torpezas com tudo quanto ha de nobre e de sublime. Muitas de suas mulheres de trato meretricio gozaram de uma celebridade, que se tem propagado de seculo em seculo; umas produziram heroes, philosophos, e oradores; outras figuraram nas tragedias como protagonistas, e o povo applaudia a Thalatta de Diocles, a Corianno de Therecrates, &c.; estas tiveram sua effigie burilada nos marmores e nos bronzes; aquellas eram acatadas tão profundamente como se adora a Divindade. No meio da cidade de Lycurgo se levantava a estatua de Cottina, uma das sacerdotisas do amor. Lais, presa, vendida, e levada ao Poloponeso como escrava, subjugou reis, philosophos, athletas, etc. Todas as seitas divididas em o Portico se reuniram em seus aposentos. Ella encheu a Grecia do estrondo de seus encantos, enriqueceu Corintho com soberbos edificios, grangeou as adorações do povo, e a despeito da miseria em que ter-

minou seus dias, uma pomposa inscripção foi gravada em seu tumulo que jaz nos campos da Thessalia ás margens do Penéo. Phryné, celebre por sua belleza e opulencia, reedificou os muros de Thebas, destruidos por Alexandre; e uma estatua de ouro lhe foi levantada no templo de Delphos, entre as dos dous reis Archidamus e Philippe: ao que exclamou o cynico Crates: —*eis aqui um monumento da impudicicia da Grecia!* Aspasia, philosopha, rendeu seus contemporaneos pela formosura e pelos talentos; dominou o coração de Pericles, com quem a final casou-se; deu lições de eloquencia a Socrates, e foi mestra de Alcibiades; avassalou os corações e os espiritos, e a homenagem que uns tributaram á sua intelligencia, outros renderam a seus encantos. Sapho, a mulher talvez mais celebre da antiguidade, immortalizou seu nome por suas paixões, suas poesias, e por sua morte; o salto de Leucade passará á mais remota posteridade. Sua effigie girou gravada nas moedas d'esse tempo, a Sicilia erigiu-lhe uma estatua, e J. J. Rousseau assim fallou d'esta mulher eminentemente erotica: *une seule femme a su faire parler l'amour, et cette femme est Sapho.* Alem d'estas, muitas outras taes como, Leontium, Pythionice, Milto, Glycere, Phylacion, Lammie, &c., gozaram de nomeada em seu seculo (1); e as prostitutas d'esses tempos gloriosos da Grecia juntavam muitas vezes á mais sordida conducta o valor de nobres guerreiros. Quando Pericles marchou para o cerco de Samos as mulheres de Athenas o seguiram. Tanto podia ainda o sentimento do patriotismo, que o sexo fragil trocava em favor da patria seus prazeres e suas delicias pelos trabalhos, as fadigas e o tumulto da guerra.

Em Babylonia, se dermos credito a Herodoto e a Estrabão, todas as mulheres eram obrigadas a prostituir-se uma vez com algum estrangeiro no templo de Mylitta, ou de Venus; era com o intuito de pacifica-la que as mulheres lhe offereciam o voluptuoso sacrificio, e o estrangeiro, á quem ellas se entregavam, devia dizer-lhes, dando-lhes alguma moeda de ouro ou de prata: *imploro a Deosa Mylitta em teu favor.* Estas mesmas ceremonias religiosas eram observadas nas ilhas de Chypre, Cythéra, de Lesbos e em outros lugares. Em Corintho acreditava-se que Venus ao surgir da espuma das ondas dirigira sua primeira saudação a esta cidade dos prazeres e das festas; e seus habitantes, para que não faltassem mulheres, mandavam comprar nos paizes visinhos, especialmente no Archipelago, e até na Sicilia, raparigas, que eram creadas para a prostituição, em cujo exercicio entravam logo que chegavam á idade conveniente (2). Na Lydia era a prostituição o thesouro d'onde emanavam os dotes para aquellas que pretendiam casar-se. Na Palestina foi mister que o imperador Constantino mandasse demolir até aos alicerces os templos em que eram celebrados os cultos obscenos, que se tributavam a deoses impudicos, para conseguir acalmar os

(1) O que dizemos d'estas mulheres extractámos do Tableau de Paris que tem por titulo — *Les Fêtes, et Courtisanes de la Grece, etc.*

(2) Para não fazermos uma enfadonha repetição de citações, declaramos aqui, que os factos que referimos e que não estiverem anotados, são um breve extracto do que lemos na obra de Sabatier, intitulada — *Hist. de la Legislation sur les Femmes Publiques.*

excessos da libertinagem; mas não poderam as suas mais severas leis abolir o costume que havia em Heliopolis dos parentes entregarem aos estrangeiros suas mulheres, para se alimentarem com o producto de sua propria vergonha.

Na patria dos Brutos e dos Catões em quanto a aguia romana esvoaçava somente por sobre a Italia, seu ninho era o sanctuario da liberdade, do patriotismo e da moral. Por uma contradicção inconcebivel do espirito humano, do mesmo solo se elevavam os incensos que fumegavam em honra de Venus, e as chammas que ardiam nas aras de Vesta; porem ao menos era a prostituição refreada por censores e magistrados austeros, e mais que tudo pelo respeito geral que se tributava á decencia, e á virtude. Entretanto a aguia da Cidade Eterna tumente de glorias, e de ambições, não cabendo já em seu vasto ninho, com rapido vôo leva ás rigiões da Asia exterminadoras guerras, e em sua volta para Roma, coberta de louros, e carregada de despojos, traz de envolta o luxo, a mollicie, o amor do ouro e dos prazeres; traz mil vicios que, depois de arrebitarem nos tumultos e horrores da guerra civil, alardearam sua fealdade na calma e as delicias da paz. Então appareceram essas famosas festas de Flora, em que as prostitutas, completamente núas, combatiam com homens igualmente nús, á maneira dos gladiadores, e percorriam as ruas ao som de trombetas, ostentando aos olhos de um povo impudico toda a ignobilidade de sua lascivia; essas homenagens a Marsyas, Pertunda e Volupia, que era representada na figura de uma joven calcando aos pés a virtude, e sobre cujas aras as devotas depunham tantas corôas quantos os actos de sensualidade que haviam commettido á noite. Então appareceram nos theatros essas escandalosas scenas do roubo das Sabinas, cuja representação acabava sempre pela mais infame prostituição. Tertulliano chega a dizer que um arauto, fazendo a apologia da formosura das representantes, proclamava os nomes d'estas victimas, sua morada e o preço porque vendiam sua complascencia. Então appareceu o revoltante espectáculo de um povo obrigando as mulheres que executavam a mimica a mostrarem-se todas núas, e a se entregarem á todos os desordenados movimentos da mais torpe lascivia, e isto até saciar os olhos dos espectadores.

Taes foram os horrores de libertinagem que as conquistas trouxeram a Roma, nos ultimos tempos da Republica; libertinagem em grande parte favoneada pelas leis concernentes aos escravos, e por aquellas que regulavam a união dos dous sexos. Estas leis, a fim de promoverem o incremento de uma população ceifada por continuas guerras, estabeleciam tres formas sob as quaes era contrahido o casamento: o que se effectuava por *confarreatio*, isto é, pelo uso do mesmo pão que os noivos comiam logo depois da cerimonia, era aquelle que conferia mais direitos, e mais nobres titulos á mulher; o que tinha lugar por *usucapione*, era apenas um meio-casamento, pois que se formava pela simples cohabitação durante um anno, com tanto que não houvesse interrupção nem de tres dias consecutivos. O concubinato nada tinha de vergonhoso, era considerado como uma terceira especie de casamento, effectuado *ex sola animi destinatione*, a que chamavam *injuxta nuptiæ*.

Entretanto se a torrente dos vícios inundou a república em seus últimos tempos, a sua impetuosidade rompeu todos os diques no tempo dos imperadores; a licença desencadeou-se, e a luxúria, fautorizada por uma theogonia que tão bem se prestava ao delírio das paixões, não conheceu mais limites. Vio-se Julia, a filha de Augusto, entregar-se á carnalidade da mais baixa plebe (1), em quanto que seu pai, renovando severas leis contra o adultério, se engolfava em prazeres com as virgens e as mulheres casadas de alta jerarchia, que seus amigos e Livia, sua propria esposa, lhe compravam a peso d'ouro (2). A corrupção lavrava com furor tal que, sendo as mulheres publicas obrigadas a inscrever seus nomes nos registos publicos, esta medida infamante não fez recuar Vestilia e muitas outras damas d'alta nobreza, que nelles foram authenticar sua depravação, como refere o mais grave dos historiadores. (3) Tiberio tratou de reformar os costumes; mas que? Reprehendia de manhã no senado um velho perdulario, e á noite ia beber em casa d'este velho, servido por mulheres totalmente núas. (4) Caligula, réo de incesto com sua irma Drusilla, e de horrorosos adulterios praticados á face dos proprios maridos, comprazia-se em mostrar sua mulher núa á seus amigos: estabeleceu um alcouce no palácio dos Cezares, do qual lhe provinha certo rendimento, e seus escravos iam convidar ás praças publicas os moços, e até os velhos, aos quaes se emprestava dinheiro com muita usura, quando não o tinham, para que podessem pagar seus prazeres; tomavam-se depois seus nomes como para se lhes carregar a honra de haverem contribuido para o augmento das rendas do principe (5). Messalina por si só compõe o jeroglifico da mais vergonhosa prostituição: aproveitando-se do somno do imbecil Claudio, trajava vestes meretricias, ia aos mais asquerosos lupanares, entregar aos transportes da plebe o ventre que havia gerado Octavia e Britannicus, como o descreve o mais dicaz dos satyricos.

... Dormire virum quum senserat uxor,  
Ansa Palatino tegetem praeferre cubili,  
Sumero nocturnos meretrix augusta cucullos,  
Linguebat, comite ancilla non amplius una;  
Et, nigrum flavo crinem abscondente galero,  
Intravit calidum veteri centone lupanar,  
Et cellam vacuam atque suam: tunc nuda papillis  
Prostitit auratis, titulum mentita Lyciscæ,  
Ostenditque tuum, generose Britannice, ventrem.  
.....  
.....  
.....  
Obscurisque genis turpis, fumoque lucernæ  
Fœda, lupanaris tulit ad pulvinar odorem. (6)

(1) Plinio—lib. 21—cap. 2. (2) Suetonius—vita Aug.—cap. 69. (3) Faciti Ann—lib. 2.  
(4) Suetonius, vita Tib. (5) Suet—vita Calig.  
(6) Juvenal—Sat. 6.<sup>3</sup>

Domiciano ia banhar-se com as prostitutas da infima classe; e d'elle escreveu Juvenal :

Qualis erat nuper tragico pollutus adulter  
Cuncubitu, qui tunc leges revocabat amaras  
Omnibus, atque ipsis Veneri Martique timendas,  
Quum tot abortivis fecundam Julia vulvam  
Solveret, et patruo similes effunderet ossas.

Que diremos do imperador, que solemnizou com toda a pompa o seu consorcio com o eunucho Sporus vestido de imperatriz (1)? Que diremos d'esse outro que se vestiu de mulher para dar a mão de esposa á um escravo que foi elevado ao fastigio das honras? Nossa penna se recusa a traçar as abominaveis acções dos Neros, dos Heliogabalos, e dos Commodos; e basta o que vai escrito para termos uma idéa da devassidão que reinou no Baixo-Imperio, e que foi uma das causas de sua total ruina. Ora, apesar de tanta depravação os Romanos tinham leis, e leis vigorosas contra a prostituição; mas o que podiam essas leis quando os mesmos chefes do Estado eram os primeiros a posterga-las? As mulheres publicas, e aquellas pessoas que mantinham lupanares eram pela lei declaradas infames; soffriam uma especie de morte civil sendo-lhes vedado o livre gozo de seus bens, a tutela de seus filhos, o exercicio de cargos publicos, e não se recebendo em juizo seu testemunho, ou sua accusação. Esta macula não se extinguia pela mudança de conducta, e nem tão pouco se acceitava a pobreza como causa justificativa. Para terem o direito de exercer sua profissão, as mulheres publicas eram obrigadas a inscrever-se na policia; pagavam ao estado uma contribuição, que se chamava *aurum lustrale*, e que depois Alexandre Severo mandou empregar na construcção, reparo, e limpeza das sentinas publicas; eram extremadas das senhoras honestas por certos adornos, e uma toga particular, d'onde lhes vem o epitheto de *togatae mulieres*. Diocleciano e Maximiano deram força á antiga lei que inhibia o casamento dos senadores com meretrizes. Constantino, guiado pelo facho do Christianismo, procurou restabelecer a decencia e a moral, mandando demolir, ou fechar os templos em que se rendia a deoses fabulosos um culto obsceno, e dictando leis violentas a favor das escravas christãs, e contra os autores e complices de rapto ou seducção; mas não ousou atacar de face a prostituição publica, e abolir seus immundos lupanares. Theodosio o Moço, Valentiniano, Justiniano, &c., promulgaram da mesma sorte rigidas leis contra a libertinagem; mas ella havia chegado ao seu cumulo, e seus furores abateram a soberba Aguia que enchera o mundo com a fama de suas conquistas, suas victorias, e por ultimo sua corrupção.

Se recensarmos os costumes de povos mais modernos, obteremos ainda factos que testemunham a universalidade d'esta chaga social.

Em Cochim, Calecut, Góa e Bengala a religião auxilia a prostituição. Na Ara-

(1) Suet.

bia as mulheres entregam-se aos peregrinos que vão á Meca, acreditando que no fructo d'este commercio será estampado um character de santidade. As graciosas bailadeiras da India parecem destinadas a perpetuar a voluptuosidade nesses povos, cuja servidão é o opprobrio do genero humano. Em Madagascar, Astracan e outros paizes, a devassidão nas mulheres é um poderoso iman para attrahir marido. No reino de Golconda a prostituição não é mal querida; é hereditaria, e fomentada pelo proprio rei. No Japão a libertinagem é para muitos homens uma fonte de riquezas, e ella é tão numerosa, que os chinezes denominam este paiz o *bordel da China*.

Na Persia dà-se ás mulheres publicas o nome do valor que custam seus favores; tal é a relaxação dos costumes.

Nas costas de Guiné, em algumas ilhas do mar do sul, e em outros paizes, os habitantes estão no costume de offerecer suas mulheres aos estrangeiros em retribuição de qualquer modico presente.

O Laponio pede a seu hospede que lhe dê um filho de uma especie mais perfeita do que a sua. Em Taiti ninguem escrupulea de casar-se com uma meretriz.

Muitos povos da Africa tem por honra offerecer aos brancos suas mulheres, filhas e irmãs.

Na America, e em geral em todos os povos selvagens, que desconhecem este principio de moral que é o fructo da civilisação, não se aquilata a castidade das mulheres, e por conseguinte entre elles a prostituição não é mais do que o exercicio de uma função natural.

Na Europa a prostituição, ora favoneada ou tolerada, ora acossada pela policia, achou sempre guarida no tumulto das grandes cidades. Em Veneza o tenebroso despotismo de seu antigo governo, com o intuito de carear o povo fomentando sua desidia, protegeu ás escancaras as mulheres publicas, e tornou da cidade dos doges uma nova Corintho. O Concelho dos Dêz, banio da republica todas as prostitutas; mas foram taes os attentados da libertinagem contra a honestidade das familias, que o governo para fazer sobrestar a desordem chamou-as de novo para a republica.

Quanto á Hollanda, citaremos aqui apenas duas palavras de um Inglez John Carr, citado por Sabatier: « O viajante contemplador observa com pasmo que, em um paiz « na apparencia tão mechanicamente moral, e tão regular como a Hollanda, ha vicios « que não se esperariam do mais corrompido governo. No seio das mais bellas cidades « acham-se lugares que na infamia levam a barra á tudo quanto ha de conhecido « nas outras nações.»

Nos Estados Pontificios, apezar do celibato forçado, que é lá tão frequente, a prostituição é por tal modo, que assim escreve Sabatier, citando um trecho do autor das *Cartas sobre a Italia*: *ici, diz elle fallando de Roma, la debauché privée est si grande qu'on ne connait point de debauché publique; elle n'est pas nécessaire.*

O que diremos nós da França? Durante o prazo de mais de 500 annos que durou o dominio dos romanos na Gaula, suas leis e costumes ácerca da devassidão

publica por sem duvida que deveram ter lá vigor ; mas depois que os barbaros, invadindo toda a Europa, trouxeram do centro das florestas, por entre os restos da civilisação romana, suas virtudes grosseiras, e seus vicios selvagens, os Godos appropriando-se de muitas das leis dos conquistadores que os precederam, desenvolveram no seu codigo Alarico contra a prostituição uma severidade, que não se encontra nas leis romanas. Todavia que moralidade se devia esperar de um povo, cujos reis não eram mais do que generaes ávidos de conquistas ; cujos magistrados não eram mais do que ignorantes guerreiros, e suas juntas nacionaes um corpo de soldados cheios de cobiça e ardor bellicoso ? Que moralidade esperar de um povo, cujos destinos eram o ludibrio das Fredegundas, e Brunehauts ? Que moralidade esperar de um povo, cujo clero *ardendo mais pelo temporal do que pelo espirital, enriquecido pelo poder que nelle se acostava, se offerecia aos olhos do mundo sem decencia e sem moral* (1) ? Mas não foi só desses tempos a depravação dos costumes. Quem ha ahi que ignore a orgia obscena e sacrilega da festa dos loucos, e a festa e procissão solemne que as mulheres de má vida faziam a Santa Magdalena ? Ellas formaram uma corporação, que tinha suas regras e seus privilegios ; e a prostituição tornando-se uma profissão licita e autorisada perdeu o negrume da infamia. Quem ha que ignore aquelle injurioso privilegio de *cuissage, culage, mackette ou prelibation*, de que gozava a nobreza dos tempos do feudalismo (2) ? Exemplos da mais profunda immoralidade foram dados ao povo, em diversas epochas, pelos reis, os nobres os sacerdotes, os monges e as religiosas. Os tres filhos de Philippe o Bello queixavam-se dos adulterios de suas esposas (3). Uma princeza, cuja historia ninguem desconhece, do alto da torre de Nesle lançava ao sena os despojos infelizes das victorias de sua concupiscencia. Francisco 1.º, cujo espirito cavalleiroso *ne voyait dans une cour sans femmes qu'une année sans printemps et qu'un printemps sans roses*, ostentou em sua cõrte uma luxuria escandalosa. Os ministros de Deos levados pelos embates do vicio, chegaram, pela enormidade de suas torpezas, a deshonnar o sacerdocio, a ponto de que ninguem ousava patentear este estado, tão digno por si mesmo do respeito dos homens. E como não aconteceria assim, se a mais extraordinaria simonia, as decisões inconsequentes de alguns concilios, e as permissões fiscaes da cõrte de Roma, favoreavam a effusão da luxuria (4) ? Em certas diocèses os vigarios vendiam a permissão de commetter adulterio por espaço de um anno !!! (5) Isto é tão horrivel que não acha na historia do mundo um equivalente.

Desconhece alguem a historia de Catharina de Medicis ; da duqueza de Valentinois ; dos amores de Henrique 3.º com sua encantadora Gabriella, e tantas outras

(1) Recueil des Hist. de France.

(2) Este direito era o de dormir com suas vassallas na primeira noite de suas nupcias. Os bispos e abbades fruiam tambem este direito na qualidade de altos barões que eram ; e os conegos de Leão, aos quaes elle foi contestado, ousaram reivindicar-o (Voltaire, Essai sur les Mœurs).

(3) Millet. Abrégé de l'Hist. de France. (4) Idem. (5) Villy Hist. de France.

que alimentaram sua ardente luxuria? Quando se esquecerá a vida escandalosa do cardeal de Richelieu; e as honras que Luiz XIV fazia impudentemente tributar ás mulheres em quem elle cevava sua nimia sensualidade? Quando se perderá a lembrança daquella famosa Pompadour que, ápoz o rendimento de Luiz XV, conquistou os destinos da França, e que foi substituida por uma mulher acordada do lixo de um alcouce na sumptuosidade do palacio dos reis? Este monarcha juntou ás suas pagodices secretas o espectaculo de seus amores publicos, e seu exemplo, contagiando a corte, e em seguida seus vassallos, entornou sobre o povo toda a peste da prostituição.

Não acabariamos se fossemos aqui a reproduzir os centenares de exemplos de corrupção que fervem na historia da França. Este paiz é aquelle que por largos annos tem dado ao mundo o programma da civilisação, e a historia de seus vicios é pouco mais ou menos a historia dos vicios da Europa. Assim pois, para não transpormos as raias de nosso proposito, concluiremos o bosquejo do quadro da prostituição n'aquella parte do globo com o que d'ella refere Sabatier. « Nas grandes cidades da maior parte dos estados da Europa são muito numerosas as casas de devassidão, e indistinctamente espalhadas por todos os districtos. Afóra as mulheres habitualmente publicas, muitas raparigas, por vaidade, precisão, ou libertinagem, juntam de modo occulto ao exercicio de uma profissão qualquer o trafego infame da prostituição. Apenas cahem as sombras da noite, as prostitutas da infima classe sahem em bandos para a rua, levadas pela impudencia, e muitas vezes vexadas pela fome, a provocar os que passam; e então suas cynicas importunações não respeitam o moço, nem o velho. E, para cumulo de escandalo, ha paizes onde a policia, longe de reprimir taes attentados contra a moral publica, a pretexto de direitos de visita, levanta um imposto sobre as prostitutas, obriga-as a que recebam patentes de crapula e libertinagem, e não se peja de disputar a estas desgraçadas um pão de dôr e de opprobrio. »

Depois de havermos revolido a historia do velho mundo, era mister que alguma cousa dissesemos ácerca da nossa patria; mas onde ir colher os factos para os aggregarmos, e compormos tambem a historia dos nossos vicios? Ella jaz sepultada nas trevas, e nós exultamos, por que este mesmo silencio dos escriptores testifica, que em nem-um tempo a libertinagem deu aqui escandalo tal, que chamasse sua attenção. Tribus numerosas de selvagens mais ou menos ferozes que, se em nada estimavam a virtude da castidade, tambem não conheciam as desordens da luxuria que são a praga das nações cultas; soldados, marinheiros, aventureiros, e homens depravados que a metropole para aqui enviava, como para expiarem seus delictos, taes foram as primeiras condições que naturalmente houveram de alimentar a prostituição neste novo torrão. Ora, sendo a prostituição um mal, cuja gravidade depende de muitas circumstancias inherentes á civilisação, taes como o luxo e a miseria, e não se dando estas circumstandias no Brasil, paiz vasto e rico, onde não brilhavam as pompas de

uma cõrte, nem desgostavam os gemidos e as desesperações da fome, por sem duvida que tambem a corrupção não poderia apresentar-se com a horriavel catadura d'aquella que assolava a moral na Europa. A civilisação, tendo de atravessar longos mares, e de vencer a barbaria dos indigenas e dos negros africanos que vinham sendo introduzidos, o espirito de servidão politica, e a ignorancia e rudeza da maior parte dos Europeos que aqui vinham aventurar-se, a vastidão do solo, a indolencia produzida pelo clima e a fertilidade do terreno, &c. &c., a civilisação, dizemos, foi tarda em sua marcha no Brasil que por longo tempo supportou a condição de uma colonia para a qual Portugal, a braços com outras conquistas, não podia enviar senão poucos recursos. A chegada da cõrte portugueza ás praias do Janeiro, o brado de independencia levantado por um principe generoso que preferio a magestade selvagem dos bosques Americanos ao esplendor das velhas cõrtes da Europa, são acontecimentos que deram prodigioso impulso á civilisação do Brasil: os historiadores narram estes factos; mas para gloria nossa, elles não vem conspurcados com os horrores de inhumanidade e corrupção que mancham as paginas da historia de outros povos: os escritores referem os costumes particulares dos indigenas; mas nada contam acerca dos costumes moraes da parte culta da população brasileira. Conjecturamos por tanto vehementeemente que nunca a prostituição alçou aqui seu cõllo impudico com aquella ardidez e despejo que alardeou no Velho Mundo.

## ESTADO ACTUAL DA PROSTITUIÇÃO

NO RIO DE JANEIRO.

..... Livremente  
Discorramos por esta scena do homem;  
Labyrintho fatal, mas não sem plano;  
Campina, onde a flor nasce a par de abrolhos;  
Jardim que tenta com vedados pomos

POPE—ENSAIO SOBRE O HOMEM—  
*Trad.— de F. B. M. Targini.*

Ha na indole dos habitantes da capital do Brasil um caracter tal de serenidade, até mesmo em seus vicios reina uma bonança tão constante que nunca o mar das paixões aqui levanta esses escarcêos que incessantemente arrebetam no seio das velhas cidades da Europa, e que trazem em continuo assombro o homem christão, por que se lhe antolha submersa a Cruz da nossa Redempção debaixo do furor das tempestades Moraes. O mesmo furacão das revoluções, que tem assolado tantos imperios, jámais fez no pacifico Janeiro naufragar o sentimento de humanidade de encontro aos parceiros das facções; e seu povo conserva-se tranquillo e humano até nas agitações da politica, e nas explosões dos partidos.

Não vemos aqui discorrendo as ruas da cidade essas cohortes numerosas da policia Europea, fada mysteriosa que sabe insinuar-se nos mais reconditos pensamentos e descobrir, não já o crime, mas a intenção de o praticar, e da qual a nossa nem é um simulacro; e todavia em nossas prisões não avultam perpetradores de altos delictos, e rarrissimas vezes soffremos o espectaculo atroz da justiça armando o braço do algoz. Aqui a populaça não faz do manto sagrado da noite um abrigo profano, onde possa occultar seus crimes, e ainda que quasi entregue á si mesma, não vai saltar o cidadão ao canto de uma rua e extorquir-lhe a bolça ou a vida: não fervem no silencio das trevas essas asquerosas scenas de orgia e voluptuosidade que se nos conta da Europa: não temos essas negras baiucas de Paris, Londres &c., immundos covis, onde a sensualidade, o homicidio, a crapula, o jogo e o latrocinio, formando hediondo trama, concertam tenebrosos planos, e preparam horrendos crimes. Finalmente não vemos aqui esse enxame de vicios, em movimento tumultuoso, assoalharem o desvergonha-

mento e petulancia que desenvolvem nas grandes cidades, citadas como archétypo da civilização.

Onde reside a causa d'esta tão palpavel differença? Não queremos fazer injúria ao Velho Mundo, estimando a moralidade de sua indole em valor abaixo da nossa, não: nós cremos que nos paizes onde taes horrores se commettem, a miséria, o incremento da população muito superior ás necessidades da nação, a falta de trabalho, e a fome são os motivos que arrastam a plebe a essas horriveis desordens, e que a tornam o opprobrio da sociedade.

E serão estas as condições que presidem na capital do Brasil, Imperio novo, vasto e fertil, subsistindo essencialmente pela agricultura, e cujos poucos filhos ainda não sentiram as misérias que affligem a pesada população das nações por essencia industriosas? Dir-se-ha que no Rio de Janeiro a fome leva o homem á dura extremidade de bater á porta do crime para ganhar um pão, que nem o trabalho, nem a virtude lhe deparam? Por certo que seria avançar um paradoxo. Entretanto há uma outra causa da nossa maior moralidade, quer seja apparente, quer seja real, e é a escravidão africana. Não diremos com Montesquieu que « os negros não tem senso-commum, e que nem são homens, « porque, se por taes os reputassemos, commegar-se-hia a acreditar que nós outros não somos christãos » Montesquieu fallava deste modo, porque nunca tinha vivido intimamente com elles; mas acreditamos com este profundo economista que os negros são uma fonte de corrupção moral, e um óbice aos progressos da civilização. Parecemos talvez contradictorios, porem nós nos explicamos. Os escravos, pela natureza dos serviços que nos prestam, estão ao nivel das classes mais baixas das sociedades da Europa, e se a sua immoralidade não se patenteia estrondosa, é porque ella, encontrando vigorosa resistencia na comminação das penas domesticas, não pôde alçar o collo curvado sob o jugo da escravidão. Largai ao escravo a liberdade e vereis a desordem de seus vícios fazer medonha explosão, ainda que menos violenta do que aquella que se manifesta nas classes que elle representa, porque não militam aqui as outras condições, que já mencionámos, e que promovem a extrema licença da populaça. Desta sorte a numerosa quantidade de africanos, que nesta capital vivem subordinados ao dominio de seus senhores, sendo uma causa fecunda de depravação de costumes, é todavia uma das circumstancias que impedem a representação das scenas abominaveis, que fazem o terror das cidades de primeira ordem; e esta bonança que as nossas paixões affectam não é senão como o symphthoma mortal de uma febre intestina, ou o torpor que annuncia profunda lesão dos centros da innervação. Os nossos artifices, operarios, mariolas, ayas, amas, famulos, &c., não escandalisam, é verdade, a tranquillidade publica; porém é por que, sendo pela maior parte escravos, são contidos pelo temor do azorrague. E, dir-nos-ha alguém, que são muito consentaneos aos principios de humanidade, religião, e liberdade que professamos, e de que somos tão ciosos, os actos de rigor a que nos obriga esta raça desgraçada, e as leis que permittem reduzir á escravidão

os proprios filhos do Brasil, e pol-os fóra do liberal artigo do nosso programma social, *a lei é igual para todos?* Dir-nos-ha alguém que é um meio de acrisolar a moralidade individual a condição de escravo, ou de senhor? Pondere cada qual o que se passa todos os dias em nossos lares, e concluirá com nosco, que não é sem detrimento de nossa propria dignidade, sem quebra dos mais nobres sentimentos que distinguem o homem christão, sem vilipendio da humanidade, que nós alcançamos no Rio de Janeiro esta serenidade de paixões que tanto nos differença dos paizes estrangeiros.

Ora, em todos os paizes, e em todas as epochas, a concupiscencia fez sempre um consorcio hediondo com todos os filhos da immoralidade, e de tal maneira que, fallando em geral, a cidade onde abundam os criminosos, ahi abunda a prostituição; e isto succede porque as causas que produzem os salteadores e os assassinos são quasi as mesmas que impellem a mulher a devassar sua honestidade. Se pois no Rio de Janeiro, como já fizemos ver, não se representam essas scenas de horror que se passam no grande theatro da Europa, porque outras condições aqui presidem, tambem a prostituição, gerada por outras causas menos desesperadoras, não alardêa a desvergonha, as torpezas e a ferocidade com que ella afronta n'aquellas regiões a decencia publica; e se alguém nos julga parciaes, lêa as obras que tratam deste objecto e convencer-se-ha da differença extrema que ainda neste ponto existe entre nós e as nações do Velho Mundo, apezar da ampla liberdade em que vivem as prostitutas.

Na França, Inglaterra, Allemanha, Portugal, e outras nações, as mulheres publicas existem hoje debaixo da sujeição da mais severa disciplina policial, e os mais felizes resultados, tanto pelo lado moral, como pelo lado sanitario, tem sancionado as vantagens das medidas adoptadas pelos governos contra a devassidão publica. Na França, por exemplo, para ser uma mulher classificada prostituta é mister certo concurso de circumstancias, que a lei expressamente recommenda, e são: *reincidencia ou complexo de factos particulares legalmente confirmados; notoriedade publica, e flagrante delicto comprovado por testemunhas que não sejam o denunciante ou o agente da policia*: de sorte que faz-se distincção entre libertinagem publica e prostituição publica, entre prostituta e mulher que, embora entregue ás desordens da concupiscencia, não entrega seus favores á disposição do povo, ou por outra, não estabelece uma casa onde se exponha á venda. No Rio de Janeiro existem naturalmente estes dous modos de prostituição; mas não estando nenhum delles sob a alçada da policia, a lei não os define, e a devassidão prosegue solapando a saude do povo.

Empregamos por tanto a palavra *prostituição* no sentido o mais lato; por ella designaremos (conforme a linguagem de um alvará de El-Rei D. Manoel, de 8 de Julho de 1521), nem só as mulheres que com seu corpo ganham dinheiro publicamente, não se negando aos que a ellas quizerem ir fóra da mancebia, como tambem aquellas que, havendo-se transviado das regras da honestidade, entretem relações illicitas com mais de um individuo. Ambas estas classes exercem poderosa influencia na propagação do virus syphilitico, e por isso não podemos prescindir de fallar n'ellas, e

de traçar seus principaes caracteres, adoptando a divisão, estabelecida por outros, da prostituição em publica e clandestina (1).

#### PROSTITUIÇÃO PUBLICA.

As breves considerações que levamos expendidas sobre o caracter geral dos costumes da população do Rio de Janeiro, não já deixado entrever qual seja o caracter que reina na classe miseravel das prostitutas ; porém para que elle se torne mais saliente é mister descer á particularidades. A prostituição publica nesta cidade é exercida por mulheres de todas as côres, de muitas provincias e nações, e descendentes pelo commum das classes mais baixas da sociedade, e podem ser classificadas em tres ordens, segundo o maior ou menor luxo e apparato com que vivem. Esta classificação é inteiramente arbitraria e defeituosa, pois que o luxo que lhe serve de base, nada tendo de fixo e positivo, e admittindo muitos grãos, deve baralhar as tres ordens que estabelecemos, quando se quizer tratar de individualidades ; todavia é a que melhor cabe em uma dissertação, e a que nos basta para methodizarmos nosso trabalho (2).

*As mulheres publicas da 1.ª ordem*, frequentadas sómente por aquellas pessoas que podem retribuir seus favores com generosidade, moram isoladas, em casas de sobrado decentes, e bem ornadas, vivem em tal ou qual opulencia, e trajam com todo o primor da moda ; olham com desprezo para as suas companheiras que estão em escala inferior, e affectam em publico um ar de honestidade que difficilmente deixa transparecer a fealdade de sua conducta. Esta ordem de mulheres porta-se em geral com decencia, e o trato frequente que tem com pessoas de uma educação delicada lhes faz adquirir certo grão de cortezia, de cultura e de urbanidade em suas maneiras e em seu fallar : não se encontra n'ellas a desenvoltura, o despejo immodesto, a torpe lascivia das ordens inferiores ; jamais permitem que em sua casa se congregem os libertinos para representarem scenas de devassidão, e vivendo sempre na maior tranquillidade, não incommodam as autoridades, nem offendem o pudor de seus visinhos com acções escandalosas. O numero d'estas mulheres é muito limitado, e seu luxo não pode comparar-se ao fausto e opulencia, que em Paris ostentam as prostitutas d'esta ordem, que dão sumptuosas reuniões em suas casas, onde a mocidade vai esbanjar a saude e a fortuna, como refere Duchatelet. Não exercendo nem-uma profissão util, entregues inteiramente á ociosidade, não pensando no futuro que as aguarda, estas mulheres jamais se convencem da verdade in-

(1) Não se casa muito bem o adjectivo clandestina com a acceção rigorosa da palavra prostituição ; mas empregamos a frase por seguirmos os distinctos escriptores que não tratado d'esta materia.

(2) Parent Duchatelet descreveo tão minuciosamente a prostituição na cidade de Paris que teremos muitas vezes de confrontar o que elle refere com isto que se passa entre nós ; e nem podemos deixar de fazer comparações quando se tratar de mostrar differenças. Só o infinito é absoluto. Não se tome pois a má parte o nosso pensamento, escolhendo aquella cidade para nossa medida.

contestavel de La-Rochefoucauld — *Ily a peu de femmes dont le merite dure plus que la beauté*; os attrativos de sua mocidade vão passando com seus dias e seus prazeres, e uma velhice prematura vem sorprendel-as no meio da carreira da vida; e d'ahi a pouco, precipitadas nos mais immundos lupanares, vão vender á população as reminiscencias de seus passados encantos, para d'ahi percorrerem com as infimas cantoneiras o caminho que as conduz á miseria. Este é de ordinario o seu termo; mas consta que muitas juntam um capital sufficiente para as collocar ao abrigo das necessidades; algumas tem-se casado, e outras acabam na mancebia. E' bem singular que rariissimas sejam as fluminenses que conseguem elevar-se á 1.<sup>a</sup> ordem das prostitutas; quasi todas são estrangeiras ou provincianas. Isto depende certamente de que quasi nunca pode rodear-se de prestigio a mulher a quem vimos dar os primeiros passos na carreira da devassidão.

A 2.<sup>a</sup> ordem das mulheres publicas é talvez aquella que mais avulta no Rio de Janeiro; acha-se disseminada por toda a cidade; porém o seu maior numero habita as ruas comprehendidas entre o campo da Acclamação e a rua da Valla; ellas moram quasi todas, sós ou reunidas á mais uma, e quando muito duas companheiras, em casas terreas, em pequenos sobrados, ou nas lojas dos sobrados maiores; e tem de tal sorte conquistado aquelle districto que nem-uma familia grave, a não ser muito pobre, se sujeita a morar nas pequenas casas de que elle abunda, para não viver continuamente sitiada pela immoralidade, e receber por engano as facecias dos casquilhos que andam a passear ás damas. Estas mulheres são frequentadas pelas classes da sociedade que medeiam entre a população e as pessoas abastadas; não vivem com apparato, e pelo contrario muitas descem abaixo da mediocridade; mas gostam de ataviar-se quando sahem á rua, e com effeito não são as ultimas a trajar á moda, ainda que no interior de suas casas são pouco cuidadosas de aciear-se: são em geral muito ignorantes, mal educadas, incapazes de reflexão; vivem na mais completa calaceria, e a lembrança do futuro jamais vem perturbar seus pensamentos des-honestos, e fazer parar o curso de seus prazeres: mudam de casa amiudadamente, e conservam-se por muito tempo ás janellas, onde gostam de entreter conversação com os conhecidos que passam. Se estão infectadas de syphilis não fazem escrupulo de transmittir este veneno que ellas procuram occultar por todos os meios, e não se soccorrem á medicina senão quando o mal as tem tornado por tal modo nojentas, que o asco é o unico sentimento que inspiram; e ainda assim nunca seguem á risca as prescripções do medico, e mal sentem visos de melhoramento, investem de novo os incautos que se deixam vencer de seus artificios. Em geral não affectam estas prostitutas o decoro que impõem as mulheres da 1.<sup>a</sup> ordem; seus olhos reverberam o fogo da sensualidade que as consume, suas faces impudicas revelam a degradação de sua alma: não obstante ás janellas, ou em reuniões populares, seu procedimento nunca é tal que derrame o escandalo que se nos conta de outras cidades, e se bem que com seus miramentos despeitosos procurem vingar-se do desprezo com que são

olhadas pelas senhoras honestas, nunca levam o ardimento ao ponto de desacatá-las. E' nesta ordem que existe um grande numero de mulheres de côr, e de portu-  
guezas que, vindas dos Açores para aqui se empregarem nos trabalhos domesticos  
ou outros quaesquer, correm-se de coincidir com as escravas, e procuram na prosti-  
tuição um meio de vida mais *suave e ganancioso*; e é de notar que são estas mu-  
lheres, pela maior parte, as que apresentam menos recato em seus gestos, e em sua  
linguagem.

A 3.<sup>a</sup> ordem de prostitutas é o complexo de tudo quanto ha de mais baixo, torpe e  
immundo; é o receptaculo d'aquellas de classes superiores cujas graças deslustra-  
das pelos annos, as molestias, ou a ferocidade de sua concupiscencia, tem desbaratado  
o circulo de seus adoradores; é a feira da carnalidade da gentilha, onde se lhe ba-  
ratêa brutaes prazeres. Estas rameiras habitam os mais sordidos casebres, onde se  
reune o refugio dos libertinos para se entregarem á crapula, e ás demasias da sensua-  
lidade; tendo-se n'ellas apagado os derradeiros vestigios do pudor, espancam a de-  
cencia publica com suas vociferações obscenas, seus ademães deshonestos, e seus ges-  
tos libidinosos; vivem em continua desordem com suas companheiras; são inso-  
lentes, detestam a quem as despreza, e sua colera quando arrebenta, arrevesam chu-  
fas, improperios e doestos, dos quaes o menos torpe, é uma blasfemia, ou uma affron-  
ta, e então não respeitam lugares, nem pessoas: lazeradas pelas molestias ou as ne-  
cessidades, passam seus dias empegadas na sordideza, definhando-se na inacção,  
queimando-se na crapula, e extenuando-se nas desordens da lascivia; e quando chega  
a noite são vistas ás janellas, ou ás portas das tabernas, rodeadas de magotes de  
badajos rendendo-lhes ascósas homenagens, ou barganteando pelas ruas em compa-  
nhia de seus apaixonados, que as seguem tocando viola, e soltando palavras que  
o decoro não tolera. Todavia isto não é muito frequente, e nem pôde comparar-se  
com aquelle excesso, que os escritores nos referem ter lugar nas cidades mais popu-  
losas da Europa. Ás trindades vê-se com effeito nas extremidades superiores das ruas  
dos Ferradores, Sabão, S. Pedro, Hospicio, &c., uma multidão confusa de homens,  
de quasi todas as classes, parados ás janellas, em conversação mais ou menos des-  
comedida com as mulheres publicas; porêr ás dez horas da noite a cidade está de-  
serta, e tudo jaz em silencio. E' nesta ordem de prostitutas que a syphilis produz  
mais devastações, e toma as formas mais horribes: as desgraçadas não tendo re-  
cursos para tratarem suas enfermidades, e não querendo tão pouco receber a mão be-  
neficiente que lhes estende a Santa Casa da Misericordia, para a qual olham com  
hórror, avezam-se ao mal que as devora, e quando o vigor de seu temperamento não  
as lança na pedintaria, expiram atrozmente suppliciadas com a tortura d'aquelles  
de quem disse Lucrecio:

Tremulas super ulcera tetra tenentes  
Palmas, horriferis accibant vocibus Oreum.

Taes são em resumo os caracteres mais pronunciados, que discriminam as classes das mulheres publicas na cidade do Rio de Janeiro, caracteres que não são os da prostituição das capitães da Europa; e este cancro que tanto nos faz receiar pela sorte da moralidade publica, em nada é comparavel ao que d'elle escreveram Parent Duchatelet e outros. Não temos aqui os collegios de prostituição de Paris, (1) genuinos lupanares ou bordeis, que são sempre uma especulação commercial por aquellos individuos que os instituem. Nessa capital um homem, ou uma mulher, em qualquer estado, tira uma provisão da policia para montar uma casa tolerada, (*maison tolérée*), como hoje dizem os francezes, envia meia duzia de mulheres a recrutarem prostitutas, e estas desgraçadas, devoradas pela fome, a troco de um aposento, roupa e alimentos sujeitam-se a vender seus favores a prol do proprietario do estabelecimento, que muitas vezes enriquece. Aqui não temos a numerosa quantidade de *proxénètes* de Paris, verdadeiras corretoras de devassidão, alcovitando debaixo do apparato do luxo o mais sumptuoso, e debaixo dos trapos da miseria; as *marcheuses*, vagabundas cujo officio é um arremedo do precedente; as *filles à soldats et des barrières*, vagando em torno dos aquartelamentos para provocarem os soldados á libertinagem, e das quaes contam-se horrores; as *pierreuses ou femmes de terrain*, que, tendo envelhecido na infima classe da prostituição, occultam-se de dia para á noite irem conluar-se com os malfetores, e os sodomitas; as *filles publiques voleuses*, cujo nome bem indica que a prostituição não é para ellas mais do que uma capa que encobre uma industria de outro genero, &c. Não temos aqui essas mulheres que os francezes denominam *tribades*, cujo vicio torpe revela o ultimo grão de corrupção a que póde chegar a humanidade, vicio do qual Duchatelet nos refere factos horrorosos, e que já uma vez chamou a colera Divina sobre aquella cidade da Palestina, em que Abrahão não achou dez justos para a salvar das chammas. Não temos esses bargantes que vagam pelas cidades da Europa, rufiando vergonhosamente por profissão, abalroando a mocidade incauta, e á face de todos fazendo moeda da moralidade publica. Por muito corrompida pois que nos pareça a classe das mulheres que nesta côrte exercem o ignobil officio da prostituição, ella não é senão um reflexo do que se passa em outros povos; mas se somos tão felizes por este lado, somos bem desgraçados pelo lado da hygiene: não temos regulamentos policiaes concernentes á este objecto, não temos hospitaes de venereos, não temos casas onde se refugiem aquellas mulheres que, pungidas do arrependimento, sentem a necessidade de abandonar o caminho de erros que levavam; não temos finalmente nem-um d'esses meios que hoje empregam as nações da Europa para quebrar a violencia á torrente da syphilis.

(1) Havíamos já terminado este artigo, quando alguém nos referio que já existem nesta capital quatro ou seis alcôuces, onde sete, ou pouco maior numero de prostitutas devassam seus favores. São mulheres muito ordinarias, e que não permanecem por muito tempo em taes casas. Nem-um homem decente ousa frequental-as.

Se bem que o luxo estabeleça entre as mulheres de partido as ordens que enumerámos, ha entretanto costumes e caracteres physiologicos e moraes que são communs á todas e em quasi todos os paizes. Fallaremos dos principaes. As prostitutas, ainda que façam alarde de sua profissão perante os homens cuja conversação não guarda as regras da decencia, conhecem todo o mal que praticam, acham-se constrangidas na presença das pessoas de vida illibada, das mãis de família, e das senhoras honestas e virtuosas; tem consciencia de toda a sua abjecção, são para si mesmas um objecto de horror, e estes sentimentos são talvez a causa do desprezo e do odio que ellas tem umas pelas outras, quando não estão no mesmo nivel de belleza e de fortuna: não ignoram os principios fundamentaes de nossa religião, embora os não pratiquem; mais respeitam os objectos sagrados, e nos templos, ou ante os symbolos da nossa crença, ellas se humilham como christãs, ou ao menos não commettem actos indecorosos: ha até algumas, cuja devoção ardente contrasta de uma maneira singular com seus costumes depravados.

Dotadas em geral de uma mobilidade de espirito indisivel, a reflexão não se casa com o bulicio de suas idéas, que de continuo borbulham por nónadas, e por isso o presente não as inquieta, e nem cabe em sua acanhada intelligencia a vasta perspectiva do futuro. Isto denuncia a necessidade que ellas sentem de um perpetuo movimento, que as leve de rojo por variadas situações, e d'aquí provém que ellas preferem o enfado da inercia á monotonia dos trabalhos que lhes são proprios. Tanto desprezo ha da classe superior para inferior, e tanto odio d'esta para aquella, quanto na mesma classe as prostitutas patenteam toda a humanidade que distingue o seu sexo, se porventura se trata de acudir á uma enferma, ou valer em um desastre inopinado, embora tenham a convicção de que a gratidão não lhes retribuirá seus cuidados, suas fadigas e seus favores. Parece que ellas sentem o abandono em que as deixa o mundo inteiro, e que, não podendo esperar sentimentos de commiserção senão de suas iguaes, pretendem com sua caridade nem só vingar-se do desprezo com que são tratadas, como tambem grangear um direito á misericordia de suas companheiras, quando d'ella precisarem (1). Do naufragio continuo do pudor salvam as prostitutas algum resto d'este sentimento? Em geral, e pelo menos nas duas primeiras ordens, não é sem muita difficuldade que ellas expoem aos olhos do medico certas enfermidades; e basta-nos este facto para nos convencermos de que o pudor é sentimento tão arreigado no coração das mulheres que, ainda n'aquellas em que elle se perde, deixa vestigios indeleveis. A glotoneria, o gosto que muitas tem dos licores fortes, o desaceio nos objectos que não são de adorno corporal, e que é levado a extremo na classe infima; o costume de mentir proveniente da posição falsa em que se acham, e adquirido pelos embustes a que recorrem para embaiarem seus affeiçãoados, ou as autoridades, a loquacidade extraor-

(1) Temos tratado algumas d'estas desgraçadas, ás quaes suas companheiras se dedicavam com uma paciencia verdadeiramente evangelica.

dinaria que sóbe de ponto quando assoma a colera, o extremo desejo de figurarem pela elegancia e esplendor de seus atavios, &c, são outros tantos caracteres que extremam a gangrena da prostituição da parte sã da sociedade.

Pelo lado physiologico as mulheres publicas soffrem tambem certas modificações que importa conhecer. A menstruação, sujeita nesta classe de gente á um sem numero de circumstancias que directa ou indirectamente influem sobre o exercicio d'esta funcção, não pôde seguir aquella regularidade estabelecida pela natureza, e que tem lugar em condições oppostas. Seria mister para avançar uma proposição geral ácerca do modo porque succede esta irregularidade, fazer colheita de um grande numero de observações: ora faltam aqui todos os meios precisos para as obter, e por tanto não se pode aventurar mais do que conjecturas, fundadas sobre o estudo das causas que podem concorrer para o desarranjo da menstruação. Francisco Ignacio dos Santos Cruz no seu tratado sobre a prostituição na cidade de Lisboa conclue dos factos, que as mulheres publicas são em geral menstruadas com menos abundancia do que as outras pessoas do seu sexo; mas Duchatelet, fallando das de Paris, assevera que n'ellas esta evacuação se opera com muita irregularidade, e nós nos ageitamos antes á proposição do escritor Francez, e acreditamos que ella acha cabimento nas meretrizes do Rio de Janeiro. A temperatura elevada do nosso clima, o uso tão vulgar de condimentos excitantes, taes como a pimenta, &c, o emprego commum de banhos quentes, os excessos nos prazeres venereos, &c. &c., são causas antes para excesso do que para diminuição da evacuação menstrual, e é o que nós temos observado.

A esterilidade das prostitutas é uma crença popular fundada sobre a raridade dos partos nesta gente, e esta crença é uma exaggeração dos factos; mas em verdade ellas são muito menos fecundas do que seriam se por ventura não levassem uma vida de tanta libertinagem, e ainda assim não são tão raras, como se pensa, as mulheres que recebem em seu ventre o fructo da concepção; o que succede frequentemente é que elle não chega ao seu termo de desenvolvimento, porque aborta á força de tentativas criminosas, ou dos excessos inherentes á vida de voluptuosidade que suas mãis professam. Não sabemos se aqui a prostituta, que sente palpar um filho em suas entranhas é, como refere Duchatelet, o objecto do respeito, das atenções e das sollicitudes de suas companheiras; é muito provavel que não aconteça assim, porque ellas habitam isoladas em suas casas, e não em communidade como na Europa; mas o que é notorio é o cuidado com que as mãis, ainda não precipitadas na ultima corrupção, velam na educação de seus filhos. Em presença delles refream seus impulsos vergonhosos, e ostentam gravidade e decencia; empregam todos os meios para os elevar ácima da condição em que nasceram, dedicam-se com ardor ao futuro que lhes preparam; mas forçoso é dizel-o, raras vezes estes desgraçados fructos da devassidão medram perfeitos; a seiva alterada, que lhes leva a nutrição, corrompe-os quando ainda verdes, e mais tarde cahem apodrecidos pelo germen mortifero que os alimen-

tou. Ha muitas mulheres na classe das cantoneiras que apresentam uma voz singularmente rouca e grossa, o que nos parece depender em grande parte da incontinenencia a que se entregam, e de uso immoderado de bebidas alcoholicas. A estas duas causas accrescem quasi sempre catarrhos pulmonares chronicos despresados, que atacam frequentemente aquellas, cuja miseria lhes não deixa meio de se livrarem das intemperies atmosfericas; mas releva notar que a alteração da voz não sobrevem nos primeiros annos do exercicio da prostituição, nem nas mulheres que são mais voluptuosas; o que prova que não é tanto a incontinenencia a causa do phenomeno, como a crapula, as bronchites e a miseria que as favorece. Por ultimo: as mulheres publicas no Rio de Janeiro offerecem uma apparencia de saude? Será difficil responder de um modo positivo á esta questão; mas pode-se, sem temor de errar muito, avançar que as prostitutas que vivem em tal ou qual abundancia, gozam, ou parecem gozar uma saude vigorosa, e que as outras, que vivem na mediocridade ou na pobreza, não pôdem encobrir aos olhos do medico perspicaz a syphilis de que estão contaminadas; e se alguma d'essas Messalinas mostra entonada um carão rubicundo, desconfiai d'ella: esta não é a côr das meretrizes, e a crapula tinge muitas faces descoradas pela sensualidade.

#### PROSTITUIÇÃO CLANDESTINA.

Este mal terrivel está mais diffundido no Rio de Janeiro do que se pensa; mas não seremos nós que nos commetteremos o encargo de levantar totalmente o véo immundo que cobre tantas feridas moraes, para devassarmos toda a sua fealdade; e tratando somente de alguns factos, que todos os dias se revelam aos olhos do publico, prescindiremos de outros que fariam gemer a imprensa com o peso de sua vergonha. Ainda neste ponto muito differe nas formas a prostituição que se exerce n'esta Capital d'aquella que tem lugar na Europa, porque n'essa região cada profissão é uma capa debaixo da qual se esconde este vicio, e não havendo aqui tanta variedade nos meios de viver, não é tão variada a face da prostituição clandestina. Lá uma mulher, arremedando o officio de parteira, dentista, enfermeira, alugadora de criadas, pintora, lavadeira, modista, costureira, &c., estabelece uma casa de verdadeira prostituição, onde se occultam aos olhos da policia, e muitas vezes de seus parentes, meninas em as quaes a puberdade começa apenas a despontar, e que por isto são por alto preço sacrificadas á perversidade dos libertinos. Ora, não intervindo de modo algum a nossa policia na prostituição publica, não ha tambem a necessidade de subtrahir-se qualquer á sua perspicacia, e consequentemente inutil é a fundação de taes casas; mas toma outro geito aqui a libertinagem que se exerce clandestinamente. Todos sabem que a castidade não é sentimento que se cultive no coração do Africano, ou do crioulo embruteado pelo captiveiro. Que esperar pois de uma multidão de escravas que muitas vezes por mero luxo obstruem nossas casas? Aquellas que sahem á rua vão por baixo preço nutrir o nosso cancro moral, acudindo ao primeiro que as reclama, ou re-

presentar nas scenas escandalosas de libertinagem e desenvoltura que homens, que não são negros, despejadamente offerecem nas sordidas tabernas, açougues, &c., d'esta capital aos olhos das familias visinhas, ou que incidentemente vão passando : e aquellas, cuja missão é estarem sempre occupadas em serviços internos, e ás quaes é vedada toda a comunicação com o exterior da casa, entregam-se á uma sorte de prostituição, cujos effeitos moraes são talvez mais damnosos, e contagiam com mais intensidade, do que essa que se apresenta sem reboço. Ninguém ignora as desordens domesticas que frequentemente suscita uma escrava. Quantos homens ha por ahi que deixam o leito nupcial para irem conspurcar-se nas immundas senzalas onde dorme a escrava, que é preferida á uma esposa terna e amavel ? Taes desatinados esquecem que mais tarde a injuria, que atiram ás faces de sua mulher, será vingada pelo adulterio, e vociferando contra aquella, que não fez mais do que seguir seu exemplo, promovem explosões de escandalo, e lançam ao dominio do povo segredos, que retalham profundamente sua moralidade.

Não proseguiremos na revelação de factos que poderiam fazer resvalar nosso discurso para a obscenidade; factos que nós todos conhecemos, e que, se os mencionamos, é por que n'elles reside uma causa poderosa de prostituição, e por consequencia de contagio syphilitico, do qual temos de tratar.

Ha uma outra sorte de prostituição que pelas circumstancias que a cercam, e pela escuridão em que se occulta, não influe senão muito secundariamente na morale e saude publica: fallamos de algumas mulheres que, conservando um resto de pudor sufficiente para as fazer respeitar e temer o tribunal da opinião publica, tiram do exercicio infamante da deshonestidade o que lhes falta para occorrerem ás necessidades da vida; mas estes casos não são frequentes.

Pelo que havemos exposto já se vê que a face da prostituição, na Capital do Brasil, não apresenta os sulcos profundos de desvergonhamento, miseria, criminalidade e extrema corrupção d'aquella da Europa, e que as condições excepçionaes da nossa organização social, juntas á negligencia com que é olhado este ponderoso objecto, são as causas desta differença, fazendo dispensar a prostituição publica pela devassidão privada; mas tambem estas mesmas condições devem muito auxiliar a propagação da syphilis, veneno subtil e terrivel do qual se póde dizer o que disse J. B. Rousseau da lisonja:

Serpent contagieux, qui des sources publiques  
Empoisonne les eaux.

## CAUSAS DA PROSTITUIÇÃO.

La prostitution est un vice d'ordre social, qui tient à un besoin primitif de l'homme, qu'il cherche partout à satisfaire.

M. SABATIER—*Hist. de la Legislation sur les femmes publiques.*

Quando as leis civis consagraram o direito de propriedade, estabeleceram, é verdade, o mais solido alicerce do edificio social, mas tambem, por uma fatalidade que preside á todas as obras do homem, sancionou a desigualdade das fortunas. Ainda é verdade que esta desigualdade, incitando o nobre sentimento da emulação, desafia a intelligencia e o trabalho physico do homem, que naturalmente procura subir ao nivel d'aquelles á quem a natureza e a sociedade distribuiram seus bens, e d'ahi o progresso das sciencias e das artes; mas tambem d'ahi o luxo com todas as suas consequencias, a miseria com todas as suas dores, a inveja com todos os seus crimes; d'ahi as ambições, as vaidades, e mil outras paixões diversas. Tal é a imperfeição de tudo quanto sahe das mãos do homem! Sua alma em perenne agitação, presentindo o infinito, e querendo d'antemão fruil-o nesta terra de inconstancias, não cessa de cavar nos abysmos do incognito para descobrir prazeres, que perpetuem sua fantástica felicidade; porém lá vai com ella a carne para fazer brotar uma necessidade onde a alma fizer surgir uma ventura; e desta sorte aquelle que mede os astros, e os segue com o calculo na sua carreira, que desce ás entranhas da terra, que sonda os abysmos do oceano, que arrosta a colera dos elementos, não cria senão meios de multiplicar suas necessidades, e após ellas apparecem as ambições que vem arrastando comsigo a corrupção dos costumes. Não queremos com isto avançar que todos os conhecimentos humanos concorrem para a desmoralisação da sociedade, não, que isto seria uma atroz injuria aos nobres genios que os produziram: não pretendemos tambem que a extrema civilisação é exclusivamente a causa da prostituição, pois que a historia nos daria formal desmentido; entretanto de acordo com muitos moralistas acreditamos que ella contribue com grande parte.

Com quanto a prostituição não seja um vicio inherente só á sociedade moderna, todavia n'aquelles antigos seculos de barbaridade algumas outras causas a propagavam, que caducaram com os progressos da civilisação. Nós vamos mencionar aquellas que hoje nutrem este velho cancro das cidades e ver-se-há que o seu complexo abona

a nossa asserção, e acredita o principio de dolorosa verdade que nos serve de thema para este artigo. Estas causas podem ser consideradas de duas ordens: causas communs á todos os povos, e causas especiaes, dependentes do clima, leis, costumes, educação, &c., de cada paiz em particular.

CAUSAS COMMUNS.

.....Rescipe primum  
Et scrutare viros : faciunt hi plura ; sed illos.  
Defendit numerus, junctæque umbone phalanges.  
Magna inter molles concordia : non erit ullum  
Exemplum in nostro tam detestabile sexu.

Quando o satyrico Juvenal emprestou a Lauronia estes versos, bem sentia que era ao homem que cabia a maior carga dos vicios da mulher ; e na verdade, aquelle que a denomina *sexo fragil*, que se jacta da força e poder que o distinguem, que lhe impõem a castidade por virtude, é aquelle mesmo que primeiro a ensina a desprezar este sentimento, a rodêa de seductoras caricias e promessas para entrega-la depois ao tribunal inexoravel da opinião publica, cujo presidente e primeiro algoz é sempre o proprio que perante elle arrasta a victima. Tenra, timida e recatada ella não tivera ousado ir por si mesma procurar o prazer, ao qual deixou-se levar, se a prostituição não viera primeiro ao seu encontro guia-la para o vicio, cujos perigos ella nem sabia calcular. O que fará então uma pobre menina, abandonada e até despresada pelo seu seductor ? Repellida do seio de sua familia, coberta de infamia, vai estender uma mão supplicante á brutalidade publica, vender-lhe os despojos de seu amor infeliz, para achar um abrigo onde se livre da miseria que se lhe antolha horrivel, e dentro em pouco ei-la mergulhada no enxurdeiro da prostituição publica. Por isso com razão disse Mme. de Staël. *O' femmes ! vous, les victimes du temple où l'on vous dit odorées ! Si les hommes environnent d'hommenages les années de notre jeunesse, c'est pour se donner l'amusement de renverser un trône.*

Não é nosso intuito cohonestar a desgraça da mulher que transpoz as balizas da honestidade ; bem sabemos que a castidade não seria um merito, uma virtude, se não custasse nenhum sacrificio ; mas pretendemos fazer saliente, que uma primeira falta é sempre a causa, que conduz a mulher ao prostibulo, e que o homem é quem a empurra. E depois ? Para aquella a deshonna, a infamia, o ostracismo moral ; e para este ? . . . .

Dat veniam corvis, vexat censura columbis (1)

Reputaremos, com grande numero de moralistas, o celibato como causa da prostituição publica, ou o consideraremos antes como um effeito, de acordo com o que

(1) Juvenal. Sat. 2.<sup>a</sup>

pensa d'Holbach ? O celibato é alternadamente causa e effeito da prostituição. O homem avezado a commerciar com meretrizes torna-se brutal e inacessivel ao amor casto ; nunca em sua mente se lhe afigura a felicidade de ter uma consorte, arripia-se com a idéa do peso de uma familia, e achando na corrupção publica pingue pasto aos impulsos de seu temperamento, arroja-se á elle com voracidade e d'elle se alimenta ; mas por sua vêz tambem os celibatarios são causa muito frequente de prostituição, arrancando uma filha do seio de sua familia, e abandonando-a ao fim de algum tempo, para seguirem novos amores. Os Espartanos e outras nações dos antigos tempos tanto reputavam os celibatarios causa de desmoralisação que os taxavam de infamia, eram excluidos dos cargos publicos, dos jogos e espectaculos, para onde eram levados sómente para serem expostos á irrisão do povo.

« Antes a morte que a deshonra : » assim pensam os espiritos vigorosos embalados no berço da moral do christianismo ; mas será esta a maxima para a mulher fraca que sente seu coração revoltado contra a sociedade que não lhe paga suas vigílias, que sente a fome roer-lhe as entranhas ? A despotica miseria arremessa-a de encontro á luxuria, e um prostibulo é o seu paradeiro. Será esta a maxima da mulher indolente, que, aborrecendo o trabalho, enxerga na libertinagem um fertil campo onde bastar-lhe-há estender a mão para colher o pomo que a deve alimentar, sem soffrer as fadigas do trabalho ? A fallaz e meiga preguiça a conduz pela mão á concupiscencia, e um prostibulo é o seu paradeiro. Será esta a maxima da mulher vaidosa, que vivendo em um seculo em que um trajar simples e pobre é já um opprobrio, se deixa fascinar por esplendido vestido que ella deseja tanto mais quanto elle a eleva ácima da condição em que nasceo, e lhe grangêa os olhares, attenções e inveja de suas iguaes, e a colloca de alguma sorte entre aquellas de quem se reputa desprezada ? Este é um dos lados vulneraveis das mulheres, cujos principios moraes tem pouca consistencia : desejam brilhar e apparecer com visos de oppulencia, para carearem uma alta consideração, e encontrarem assim uma indemnisação ás privações numerosas que soffrem em segredo ; a esplendente vaidade deslumbra-lhe a razão, suffoca-a no prazer dos sentidos, e um prostibulo é o seu paradeiro.

Quando se compara o preço do trabalho de uma mulher com aquelle que é o producto de sua deshonra, e se computam os salarios, muito abaixo das necessidades da vida, que ella ganha em geral com a sua agulha, o homem é forçado a deplorar a sorte destas infelizes que precisam molhar seu pão no lodo da prostituição para poderem alimentar-se, e a reconhecer que a falta de trabalhos e as modicas ganancias são uma causa que nas cidades industrias e muito povoadas, levam as mulheres a viverem do ouro que gira na dissolução publica. Esta verdade acerba molesta o coração d'aquelle que se dóe das misérias humanas ; mas ha outra verdade não menos real, e mais afflictiva. Pais desnaturados, e maridos perversos, ainda esquentados pelo vapor das orgias em que passaram a noite, não voltam muitas vezes ao seio de suas familias senão para trazer-lhes a desordem domestica com todos os seus horrores :

não encontrando na virtude da esposa, e na innocencia das filhas, essas palavras obscenas, torpes e grosseiras, essas caricias brutaes das meretrizes, que fazem as delicias de sua vida; desconhecendo os encantos do pudor e da decencia, esbanjando na libertinagem uma fortuna que não lhes custou talvez nem-uma só gotta de suor, e sentindo finalmente a miseria bater-lhes á porta, não tem para sua familia senão doestos, blasphemias e máus tratos. A esposa, que acha em outro homem o amor, a dedicação e as sollicitudes que não encontra em seu marido, poem um pé no adulterio; d'este á prostituição publica o declive é breve; e suas filhas, já cançadas de soffrer a barbaridade paterna, procuram tambem no amor indemnisar os dias tormentosos de sua juventude, e autorisadas por aquelles que lhes deram o ser caminham para a sua ruina total. D'est'arte as desordens domesticas, os máus tratos dos pais e das mãis, e mais que tudo os exemplos dos maiores, não poucas vezes tributam victimas á prostituição. Todavia se este exemplo parte das classes inferiores da sociedade, elle rasteja na obscuridade das condições, e jámais corrompe aquellas que lhes estão sobranceiras; porém se elle se mostra ao povo no meio do esplendor dos palacios; então rompe todos os diques da moralidade, derrama-se até ao ultimo cidadão, e nem leis, nem costumes, nem religião pôdem tolher seus estragos. Ahi estão as paginas da historia que apregoam esta verdade. E neste estado de dissolução universal, como exigir do povo o cumprimento de seus deveres domesticos, se elle vê que as virtudes que se lhe impoem são conculcadas por seus superiores, cujo unico pensamento é a satisfação de seus caprichos? Como accusar o luxo que o povo adopta com furor, se é por meio d'elle que os grandes vam roubar-lhe suas mulheres? Tocamos em uma das mais poderosas causas da prostituição, — o luxo.

« A desigualdade das fortunas sendo uma das bases da monarchia, o luxo é a sua « consequencia necessaria, como diz Montesquieu (1), e nestes governos é forçoso « que os ricos despendam muito para que os pobres não morram de fome. » Ora este principio que na apparencia é um mal, deixa de o ser na opinião do mais celebre philosopho Americano. Elle diz « (2) que a esperanza de chegar á um estado capaz « de nos proporcionar os gozos do luxo é um poderoso aculeo para o trabalho e para « a industria. Considerado assim, elle não é uma desgraça para a sociedade, mas é « mister que se preste seria attenção aos meios pelos quaes se adquire este estado; é « mister que se observe bem que elle se obtenha sempre por meio do trabalho e não « do vicio. » Dizia outr'hora Machiavel que Cesar desgraçado teria sido mais odioso do que Catilina, e tal é a politica dos nossos tempos; « *ella não põe outra differença « entre o vicio e a virtude senão de nome, e o que ensina é a julgar dos deveres pelo in- « teresse, e do merito pelo successo* » (3) Ponham os governos em pratica a lição do sabio Franklin, e o luxo será um forte baluarte das monarchias; mas será em um seculo, em que por uma estranha subversão de idéas não se chama louvavel senão

aquillo que é lucrativo, será em tal seculo que se poderá estabelecer a praxe do preceito daquelle philosopho ? Em todas as nações elle é o programma das leis que as regem ; mas onde existe esse paiz de anjos, em que ellas se executem ? O luxo arruinou o Imperio Romano, e o luxo arruina a moralidade dos povos modernos ; elle é com effeito a fonte da industria, mas é tambem a fonte da corrupção, e ocioso é prova-lo. A industria ufana-se ostentando seus productos engenhosos, e suas novas creações ; mas esconde o lado feio, porque neste lado estão buriladas as miserias que custaram. Um sexo fragil empenha suas poucas forças, e os homens esgotam seu vigor em trabalhos fadigosos ; e depois. . . . a industria dá á mulher um salario que para alimenta-la é mister receber o complemento na prostituição, e ao homem um pão que não chega para repartir com seus filhos. . . . Chama-se a isto vantagens do luxo. . . . Pensem os economistas como quizerem, fantasiem suas utopias, o moralista christão verá sempre no luxo um corruptor da humanidade.

Uma das causas activas que contribuem para a depravação dos costumes reside na ociosidade dos mancebos descendentes de familias opulentas e poderosas. Elles reputam as mulheres de baixa condição um bem commum, ou pelo menos de facil conquista ; *descem* até ás filhas do pobre jornaleiro, e n'ellas começam o seu tirocinio de seducção, para levarem depois o adulterio ás classes de *sua esphera*. A desgraçada victima abandonada de todos vae prostituir-se no canto de uma rua, ou morrer em um hospital, em quanto seu algoz declama em alguma sociedade philantropica contra a corrupção do seculo. Assim pois é a sociedade viciada nem só pela miseria do povo, como pelas paixões dos riscos.

« Procurai um povo sem religião : se o encontrardes, ficai certo que elle pouco « differe dos brutos. » Não encontramos na civilisação moderna o que propõem David Hume (1) ; encontramos, sim, povos com uma bella moral nos livros, e a mais desenfreada licença nos costumes ; povos que se dizem apostolos do Evangelho, e que a todo o momento desmentem sua crença por acções abominaveis. Não encontramos um povo de brutos ; mas encontramos povos, cuja paixão dominante é um acto que os nivela com os brutos. Attentai agora na maneira, por que as lições do Crucificado acalmam o fervor das paixões, e convireis connosco, que o esquecimento de sua doutrina acarrea o esquecimento da virtude. Ao olvido das practicas da religião referiremos ainda a producção de todas essas obras de revoltante immoralidade que circulam nas cidades pelas mãos dos libertinos, aferventando a imaginação da juventude com a pintura de prazeres, que ella não devia tão cedo conhecer, e cujo primeiro effeito é desflorar a innocencia de sua alma. Já Cicero dizia em seu seculo : « *Nulli unquam vitio advocatus defuit* » e em todos os tempos muitos genios deshonraram sua nobreza, e polluiram a castidade das musas espargindo as flores de seu estro sobre o tremedal da prostituição.

(1) Hist. nat. de la religion.

Ter-so-ha algumas vezes achado o pudor em conflicto com a piedade de uma filha ou a ternura de uma mãe? Parent Duchatelet assim o refere. Algumas mães abandonadas de seus maridos, sós, sem recursos, ouvindo seus filhos gemerem de fome; algumas filhas, vendo seu pai, unico baculo de numerosa familia, morrer á mingoa, vão na prostituição buscar o alimento para os filhos, ou a vida para seu pai. Desesperado recurso! Elle deve custar horriveis combates ao coração de quem assim se sacrifica! Mas depois!... de falta em falta abysmam-se na infamia.

O commercio e a industria, entretendo grande numero de moços celibatarios, não pôde deixar de entreter tambem grande numero de mulheres publicas, e eis o que ácerca d'elle pensa o illustre autor do Espirito das leis: « Nous voyons que, dans les  
« pays où l'on n'est affecté que de l'esprit de commerce, on trafique de toutes les  
« actions humaines et de toutes les vertus morales: les plus petites choses, celles  
« que l'humanité demande, s'y font ou s'y donnent pour de l'argent. »

De entre todas as causas que empuxam os povos para o vicio, nem-uma ha talvez que mais vulto faça do que a falta de educação moral, principalmente no sexo feminino: esta verdade é proclamada por todos os philosophos de hoje, e o homem, egoista e extremamente cioso de seu poder e da sua força, não cura de reformar um objecto, cujo melhoramento importaria o melhoramento da sociedade, por que não pôde sacudir o jugo de preconceitos que lhe vieram de seus avós. Alguns philosophos, e povos da antiguidade, olhavam para o sexo feminino como um ente que fôra deparado por Deos aos homens para servir unicamente a seus prazeres; faziam calar nos animos, a respeito das mulheres, crenças extravagantes; como que queriam reduzi-las á condição dos brutos, e assim ultrajavam a mais bella e mais sensível parte do genero humano. Sophocles dizia que o silencio era o mais bello ornamento das mulheres, e Publius Syrus repetia em suas obras, « *mulier quæ sola cogitat, male cogitat*: » Platão reportava á ellas a origem da superstição, dos votos e dos sacrificios, e os Judeos as culpavam de magicas: os Babylonios, Arabes, Egypticos, Gregos e Romanos acreditavam que o homem se macula ainda mesmo em um commercio licito com as mulheres, e d'ellas se abstinham nas vespèras dos sacrificios, e os Hebreos pensavam que tal commercio fazia perder o espirito prophético: os Rabbinos negam que a mulher fosse creada á imagem de Deos, e um theologo christão, Lamberto Danaeus, doutrina que esta imagem é muito mais viva no homem do que na mulher: os Manicheos pensavam que quando Deos creára o homem, não o formára nem macho nem femea, e que a distincção dos sexos fôra obra do demonio. Imbuidos nestas idéas os antigos em geral desprezavam a educação das mulheres, e este costume transmittio-se aos nossos dias. Entretanto nos bellos tempos do florescimento da Lacedemonia, de Athenas, de Esparta e de Roma este sexo provou que era capaz de enthusiasmo pela gloria, de patriotismo, de coragem, de paixões generosas em fim, que envergonham tantos homens affeminados, que hoje se vêem nas cidades enervadas pelo luxo: e neste seculo em que nos jactamos de civili-

sados quantas mulheres haverá que, imitando a mãe dos Gracchos, apresentem seus filhos a quem pedir que lhes mostrem seus ornatos? Os homens muito occupados com as afanosas lidas da ambição, correndo após o idolo dourado da fortuna, esquecem-se d'aquella que lhe foi dada para companhia, confiam sua educação às propensões do seu temperamento, que são apenas modificadas por lições de vaidade, orgulho, amor proprio e outras pequenas paixões que se incutem nas mulheres desde a sua infancia. Ouçamos um critico moderno, que lemos na moral universal do barão d'Holbach, e que assim descreve a educação de hoje: « Tenez vous droite; vous « vous penchez d'un côté; vous marchez comme un z. Votre bouche fait peur; « ne touchez point à votre visage; levez donc votre tête; où sont vos mains? « Tournez les pieds en dehors, &c. Voilà pendant douze ou quinze ans la morale du « matin; le soir on la répète. Aussi le premier en date pour une education si dis- « tinguée est le maître à danser. » Ainda isto é para as pessoas de certas classes; porém as mulheres nascidas no povo? Ensina-se-lhes a coser, e quando a seducção vai diverti-las do seu trabalho, ellas não acham em si nem um instincto ao menos que lhes diga: « esse amor que vos falla tão terno é o crime que se disfarça « com os atavios da innocencia; esse ouro que vos offerecem, e que vos deslum- « bra, é o preço que elle põem á vossa perda: fugi d'elle. » E como hão de ellas evitar o precipicio que se abre debaixo de seus passos, se esse precipicio se lhes figura um jardim delicioso, e ninguem lhes ensinou a distinguir os abrolhos que nascem á par das flores? Como hão de evitar o crime ellas, que nem o conhecem? Quando o Verbo encarnou, foi em o ventre de uma Virgem que se operou este milagre estupendo, e quando elle resurgio d'entre os mortos foi á uma mulher, Maria Magdalena, á quem primeiro appareceo. O seculo das luzes, o seculo christão não acceita o exemplo do Divino Mestre, e inclina-se antes á doutrina dos Sophocles e dos Syros, menosprezam a educação das mulheres, cuja intelligencia não recebendo o desenvolvimento de que é susceptivel, torna-se acanhada e mesquinha; seu espirito torna-se leviano, não conhece por estudo e convicção toda a sublimidade da virtude, e facilmente cahe nas ciladas do vicio. Eis como a falta de educação moral povôa de prostitutas os lupanares das cidades.

Ha finalmente mulheres que, dominadas por um temperamento invencivel, atiram-se phreneticas a todos os excessos da luxuria; mas são tão raros estes exemplos que seu apparecimento é reputado uma enfermidade, e ainda assim é mister que muitas circumstancias dependentes da educação desenvolvam este germen de libertinagem, que abortaria talvez debaixo do influxo de melhores doutrinas e exemplos.

Taes são em geral as causas mais communs da prostituição nos diversos paizes.

#### CAUSAS ESPECIAES DA PROSTITUIÇÃO NO RIO DE JANEIRO.

A Cidade do Rio de Janeiro, sede da Monarchia Brasileira, com a sua constituição,

a sua côrte, seu vasto e activo commercio, a franqueza de seus portos, &c., acha-se hoje debaixo de quasi todas as condições que regem as principaes cidades cultas da Europa, e em virtude d'isto a peste da prostituição que tambem aqui lavra desde longa data, está subordinada á influencia de muitas das causas, que acabamos de enumerar. Ha todavia outras que nos são muito peculiares, e que dependem mórmente do nosso estado excepcional: queremos fallar da escravatura. Este flagello, que uma cobiça insaciavel nos importa quotidianamente das regiões da Africa, é a causa de grande parte dos males moraes que soffremos. O escravo gera a preguiça, a indolencia, a soberba, a vaidade, e a tyrannia de seu senhor; oppoem-se á pureza da educação, faz seccar as fontes da industria, embarga os progressos da intelligencia, arrefece um pouco o fogo sagrado da religião e talvez do patriotismo; é finalmente um exemplo activo e perenne de corrupção moral. Ora, conforme o que já expendemos, estes factos occasionam a dissolução publica: e se o escravo produz estes males, segue-se que o escravo é uma das causas mais nervosas da prostituição entre nós. Temos esta verdade como intuitiva, mas se a quereis authorisada, invocaremos aqui o nome d'aquelle genio da França, que é sempre invocado nas questões que interessam os reis, os povos, e a humanidade. Ouçamos o que elle diz: « L'esclavage proprement  
« dit est l'établissement d'un droit qui rend un homme tellement propre à un autre  
« homme, qu'il est le maitre absolu de sa vie et de ses biens. Il n'est pas bon par sa  
« nature; il n'est utile ni au maitre ni à l'esclave; à celui-ci, parce qu'il ne peut rien  
« faire par vertu: à celui-la, parce qu'il contracte avec ses esclaves toutes sortes de  
« mauvaises habitudes, qu'il s'accoutume insensiblement à manquer à toutes les ver-  
« tus morales, qu'il devient fier, prompt, dur, colère, voluptueux, cruel » (1); e sustenta mais que « a escravidão, sobre ser contra o espirito da constituição  
« nas aristocracias, só serve para dar aos cidadãos um poder, e um luxo que não  
« devem ter. »

O negro, bronco, rude e estúpido por natureza e por educação, ignorando o que seja pudor, não comprehendendo nenhum sentimento de moral ou de virtude, é de um temperamento erotico, e consequentemente muito libidinoso: neste estado é arrancado de suas florestas onde levava vida de irracional, e lançado no meio de nossas familias, para ser o authomato de nossas vontades e caprichos. Ainda se elle é do sexo masculino, os serviços em que são empregados os tem quasi sempre afastados de seus senhores, e é longe de suas vistas que vão exemplar seus vicios; mas se é do sexo feminino? As escravas são as amas de nossas filhas, que no leite com que as alimentam lhes instillam na alma o germen da corrupção que, sempre debaixo do influxo do exemplo, mais tarde frutificará, se uma educação cuidadosa não consegue extirpa-lo. As escravas são as amigas, as companheiras, as confidentes da mocidade do seu sexo, n'aquellas familias em que a austeridade dos costumes é considerada

(1) Montesquieu, Esprit des Loix.

como uma tyrannia, e então. . . . não é mister que patenteemos o fructo das lições de tão habéis mestras. Finalmente, para não revolvermos de novo tanta sordidez, que effeito moral se ha de esperar de creaturas, cuja natureza, condição e educação são justamente os antipodas de tudo quanto ha de nobre e de sagrado no coração do homem bem formado, a não ser o funesto contagio da prostituição.

Quando na antiga Roma as leis concernentes á escravatura pareceram tender a extirpar este cancro, deparando aos particulares os meios de satisfazer a variedade de seus desejos, sem ser preciso sahirem de suas casas, elle se aggravou profundamente, por que as desordens domesticas, fazendo irrupção no meio do povo, levaram á toda parte sua infecção. Isto que succedeu na Cidade Eterna é o que tem lugar e sempre terá na Capital do Brasil em quanto não cessar completamente a importação de tão fatal mercadoria.

Não descreveremos aqui o modo porque se derrama a immoralidade com o espectáculo triste de um escravo vendido em almoêda, açoutado, carregado de ferros, &c. &c; estes factos fallam com mais eloquencia do que ninguem poderia fallar; as feridas que elles produzem em nossa civilisação estão patentes, e não é mister que as tentemos neste ensejo. É o que nos custa esta tranquillidade publica de que gozamos! A escravidão por tanto dos negros, e seu avultado numero são as causas que figuram em primeiro lugar na prostituição do Rio de Janeiro, pois que ella contem em si a semente de outros males que tambem conduzem á degradação moral, males que na Europa descendem de outras causas. Adaptando agora a esta Capital o que levamos dito no paragrapho antecedente, teremos o complexo dos elementos fundamentais que combinando-se de mil formas dão em resultado a prostituição. Releva com tudo notar que alguns não exercem aqui tão intensa acção como no Velho Mundo; lá, nessas grandes cidades, o excesso da população, a falta de trabalho, os mesquinhos salarios, a miseria, a promiscuidade dos sexos no interior das fabricas, exercitos numerosos, &c. &c., são principios activos de corrupção que entre nós não vogam. No Brasil, onde a população está muito abaixo das suas necessidades, onde faltam braços para os trabalhos, onde não ha grandes exercitos nem fabricas, não acreditamos que influam taes circumstancias, e nem que haja essa miseria que ulcêra profundamente os povos da Europa. O que é no Rio de Janeiro a miseria para as mulheres das classes inferiores, cuja idade é a vida em todo o seu vigor? E' a preguiça, o orgulho, a vaidade, o desejo immoderado de trajar roupas finas, o costume de nada fazer, por isso que ha escravos para servir, a repugnancia de prestar os serviços desta raça, serviços que são a partilha de suas iguaes nos paizes onde não ha escravatura. Se pois uma mulher nos dá o torpe espectáculo de sua mocidade em hasta publica, é mister ir pesquisar a causa de seu desvairo na má educação, na insciencia da doutrina evangelica, e finalmente em outra origem que não na miseria. Esta cruel filha da civilisação é verdade que lhe lança ao fim de alguns annos sua mão cadaverica; mas é quando já a infeliz tem queimado suas

entranhas em honra da impudica deosa da antiga Cytheréa; é quando toda coberta das cicatrizes que deixam os annos, a voluptuosidade e a syphilis nada mais tem para holocaustar áquella que presidio seus loucos prazeres, e neste caso a miseria representa como effeito e não como causa. Paramos neste ponto; e compendiando o que levamos descripto neste artigo concluimos que as causas que activamente favorecem a prostituição na Cidade do Rio de Janeiro são: a numerosa escravidão com todas as suas resultancias, taes como a preguiça, exemplos ruinosos, &c. &c; o luxo, a vaidade, o amor dos prazeres; a carencia de uma educação moral rigorosa, a decadencia da religião, o vasto commercio, os exemplos publicos que dão as mulheres de uma conducta reprehensivel, e finalmente todas essas paixões geradas pela civilisação, e que, abandonadas a si mesmas, não são modificadas pelos meios que a mesma civilisação nos depara, e que residem principalmente na educação, e doutrina e vangelica.

---

## INFLUENCIA DA PROSTITUIÇÃO

SOBRE A SAUDE PUBLICA.

La passion pour les courtisanes énerve également l'âme et le corps, et porte les plus funestes atteintes à la fortune, à la santé, au repos et au bonheur.

D'ALEMBERT.—*Esprit de l'Encyclopedie.*

« Felipe Picinello no seu Mundo symbolico deu por geroglyfico da luxuria a « figueira brava (que nós chamamos do inferno), ajuntando-lhe esta letra : *Durissima mollit* ; por que é tal a propriedade d'esta arvore, que arrimada á um muro firme, « o penetra o arruina : e se de seus ramos se pendura alguma carne, a resolve e « consome(1). » Nós offerecemos por geroglyfico da prostituição um cancro, cujas raizes, profundamente lançadas na saude, na fortuna e na moralidade dos povos, absorvem neste triplice elemento os principios que o nutrem. Vamos dar expansão á esta idéa, e analysar de que modo se alimenta esta chaga terrivel que faz o opprobrio da humanidade.

Muitos seculos antes de pullular d'entre os brutaes prazeres da prostituição o fatal veneno da syphilis, já diziam da meretriz os antigos Patriarchas : « *Vix inferi domus ejus, penetrantes in interiora mortis*(2); » o mais illustre discipulo de Epicuro, Lucrecio, o erotico Ovidio e outros poetas, cantando o amor e seus prazeres (3), mostravam á mocidade o veneno subtil que as petalas da flor occultam em seu calix ; tanto elles reconheciam a perniciosa influencia que a libertinagem exercia sobre o povo ; mas se tantas victimas ella por si só fez n'esses remotos tempos, quantas não tem descido á sepultura desde que a idolatria de Syphilus chamou sobre nós a praga que nos flagella, como poeticamente imaginou o engenhoso Fracastor ? Os males se multiplicaram, e hoje a prostituição e a syphilis podem figurar como uma vasta etiologia em um pentateucho medico-cirurgico : tal é a calamidade.

(1) Padre Manuel Bernardes—Nova Floresta.

(2) Proverb.—7—26.

(3) ..... Medio de fonte leporum

Surgit amari aliquid, quod in ipsis floribus angit.

*Lucr.—Rer.—nat.*

*Impia sub dulci melle venena latent.*

*Ovidio.*

dade que hoje pesa sobre a raça humana. Se entretanto o quadro primitivo do libidinoso, acabando seus dias mirrhado pelos prazeres da sensualidade, era já medonho de se ver, quem poderá sem horror contempla-lo agora que a syphilis o rematou traçando n'elle com seu vigoroso colorido as enfermidades crueis que assaltam o libertino? Não se póde actualmente desapegar a prostituição da syphilis, pois que um concerto de quasi seis seculos une estas duas inimigas encarniçadas das gerações dos nossos dias; mas para não trastrocarmos as descripções, faremos ver separadamente os effeitos da incontinençia no vicio da carne, e os effeitos da syphilis que hoje se esconde no mesmo leito em que a prostituição se delicia.

Quando nossos maiores sellaram com o ferrete da ignominia as paixões que a concupiscencia gera em seus delirios, não foram vãos preconceitos, ou arbitrarías convenções que os impelliram a erigir altares, e queimar incensos á castidade, não: foi a experiencia que lhes inspirou este respeito e veneração que desde longos tempos esta virtude recebo, e ainda hoje recebe dos povos que não vivem como os irracionaes: porque elles bem mediram o abysmo a que desce o insensato que se entrega aos phrenesis da libidinagem. Estes desgraçados que só conhecem os impulsos da sensualidade, embravecidos contra a sociedade que lhes sopêa as furias de um appetite insaciavel, bradam que o pudor é um filho da educação nutrido com os prejuizos da civilisação. Sê-lo-ha? embora o fosse, ai d'aquelle povo em que elle não tivesse altares! Sua intelligencia rastejaria com o instincto dos brutos, e como elle não transporia o circulo acanhado da actualidade. E' o pudor um movel poderoso da nobreza do homem, e aquelle que o deixa empanar-se em suas faces torna-se o vilipendio dos outros homens, o ludibrio dos facetos, e não tarda a sentir seu physico minado pelos prazeres roedores da sensualidade.

Tanto sabiam os antigos até que ponto a paixão pelas mulheres enerva as faculdades do espirito e a fortaleza do corpo que, a despeito dos cultos que rendiam á formosa deosa dos amores, pozeram na base da sua estatua esta inscripção: *Unusquisque se eviscerat luxuriosus*; elles sabiam que o homem, fascinado pelos magos encantos de uma mulher, reprime em seu regaço os nobres conselhos da alma, e esquece sua vontade para sujeita-la á de um ente fragil, cujas blandicias, arma subtil que manejam com habilidade, quebrantam caracteres que não se renderiam á mais nervuda razão. Aquelle que arcando com o famoso gigante Antêo por tres vezes o derrubou, que venceu o destimido Gerião, monstro de tres corpos, rei de Erythia; que afogou o leão Theumesio; que cerceou as sete cabeças á hydra de Lerna; o fortissimo Hercules, subjugado por uma fraca mulher, Onfale, rainha da Lydia, pegou em um fuso com aquella mesma mão que brandia a terrivel clava (1). Este exemplo é na verdade uma ficção da Grecia fabulosa; mas os poetas quizeram signifi-

(1) Et manu clavam modo qua gerebat,  
Fila deduxit properante fuso.

car por meio d'elle o que é uma fãula de concupiscencia lançada em peito humano e se alguém o rejeita por fantastico, não temos nós o facto d'aquelle de quem annunciou um anjo que seria desde a infancia Nazareno de Deos, e que não passaria navalha por sua cabeça? Onde perdeu este predestinado do Cêo para salvar Israel das mãos dos Filistheos, onde perdeu o valerosissimo Sansão sua força e liberdade? A Escriptura nos conta que dos braços da infiel Dalila fôra elle entregue á seus inimigos (1). Muitos Santos Padres ensinaram quão util é para a conservação do corpo e do espirito a continencia nos prazeres da carne, e Platão antes delles confirmava esta doutrina com os exemplos de Ico Tarentino, Astillo, Diapompo e outros famosos athletas (2). Os soldados de Annibal e de Alexandre não se corromperam com as delicias de Babylonia, e de Capua, e por isso seus exercitos foram exercitos de nobres guerreiros, de inclytos heróes. Havia na antiguidade aquellas iniciações nos mysterios de Ceres, Orpheo, Cybele, &c., em que os homens prestavam voto de domar os estímulos da sensualidade, e por meio de regras hygienicas adequadas, conseguiam longa e pacifica existencia. O christianismo appareceo, as ordens monachaes foram instituidas, e a castidade, banindo dos claustros as paixões do mundo, produziu illustres varões, que ganharam nome na religião e nas letras, e deram aos povos exemplos gloriosos da mais acrysolada virtude. E que motivo induzio o christão a exigir um voto de continencia d'aquelles que vão em uma clausura consagar seus dias ao serviço do Senhor? O Evangelho precisava de Apostolos que, imitando a pureza de seu Mestre, se elevassem acima do vulgo pela fortaleza de seu espirito; e que fortaleza poderá ter o espirito dedicado ao amor das cousas nundanas, e que não sabe extinguir em seu proprio seio a chamma da concupiscencia? Que prestigio poderão grangear os pastores que procuram faltar a sede da carne na mesma fonte em que bebem suas ovelhas? Onde e então a superioridade do ministro dos altares? As inspirações do genio, as altas virtudes, e uma longa vida de solidos prazeres em geral não cabem em partilha senão ao homem casto; a materialidade, a estolidez, e uma breve existencia abroilhada de vicios e de tormentos são a partilha do libidinoso. Não é por tanto a castidade, outra vez o dizemos, um vão preconceito, ou uma convenção arbitraria; é uma virtude solida, que a propria conservação da humanidade reclama, e nascida da convicção dos males que sua antagonista esparge sobre os insensatos que lhe subordinam seus dias preciosos.

Perguntai agora ao medico o que pensa ácerca da incontinencia deshonesta: elle abrirá uma nosographia e vos lerá uma longa serie de horriveis enfermidades que são o flagello dos libertinos, enfermidades que são pela maior parte representadas por aberrações das funcções da innervação, e com effeito basta attentar um pouco na commoção que os prazeres venereos suscitam no organismo, e nos pensamentos ha-

(1) Judicum—16.

(2) Padre Manuel Bernardes.

bituaes que enchem o vasio d'alma dos individuos sensuaes, e que sustem em perenne tensão as cordas primordiaes da vida, para enxergar os males que o abuso de taes prazeres deve originar. E' corrente que no systema medullar reside o *impetum faciens*, o principio nervoso que preside as acções e reacções da nossa sensibilidade; o primeiro excitador da respiração e das funcções das entranhas do baixo ventre; é por tanto a medulla espinhal quem primeiro soffre com as perdas excessivas do humor prolifico, e é d'ella que partem quasi todas as enfermidades que atribulam aquelles que levam vida voluptuosa. Demos um d'esses entes desgraçados, cuja educação, encontrando com todas as leis de uma sã moral, fomenta o germen do peccado que outro peccado lhe transmittio: a puberdade começa a inicia-lo nos mysterios e cuidados da existencia, e ei-lo açodado entregando sua tenra mocidade, já deflorada no moral, a qualquer cantoneira que primeiro o abalrôa: impellido pelo turbilhão das paixões que acodem em tropel, arrastado pelos movimentos desordenados de sua maquina, que arde em concupiscencia, prostrado pelos embates de uma natureza brutal, despenha-se como cego no golfo da dissolução, para d'ahi enfiar-se para os umbraes da eternidade. Passam os primeiros tempos em que tudo foi prazer, e começam os primeiros symptomas de uma d'estas enfermidades consumptivas que ninguem pôde remediar. Uma tendencia irresistivel para o sexo opposto sem que se possam fixar os desejos amorosos; obscurecimentos da vista, arvoamento, cephalalgias vagas, ou sentimento de peso na cabeça; horror à solidão, presentimentos sinistros, um descontentamento desarrazoado, certo character caprichoso, ou phrenetico; suspiros amiudados, frequencia e agitação de pulso; appetite devorador, e mal se principia a comer logo após uma invencivel repugnancia; espasmos de garganta, tosse secca e fraca, insomnia, anxiedade indisivel, ardor de entranhas, calor irregular na face e palmas das mãos, &c; taes são as primeiras scenas que preparam, e conduzem á catastrophe que desfecha o drama. O infeliz já não pôde sefrear o habito carnal que o assoberba, e nesta acção não interrompida do systema nervoso, de continuo vibrado por todas as paixões, vem os engorgimentos de figado, as desordens nos movimentos do coração, mil symptomas nervosos exquisitos e variaveis, emmagrecimento, decadencia progressiva de forças, polluições nocturnas, (sendo effeito e tornando-se nova causa), das quaes o doente acorda languido e banhado em um suor debilitante: vem a diarrhéa coliquativa, que exhaure as ultimas fontes da vida, e depois de horivel marasmo, e os intestinos ulcerados, vê-se expirar o mancebo com todo o apparato tenebroso das convulsões da morte. Febres adynamicas, syncopes, paralyrias, apoplexias, convulsões, demencias, gottas, epilepsias, choréas, phthisica, &c., e finalmente quasi todas as affecções que Pinel classificou nas cinco ordens de nevroses, formam o codigo penal que a natureza promulgou contra os libidinosos.

Quem não tem visto esses libertinos, vagueando entre os homens como uma allegoria na ethopêa das grandes cidades, pallidos, esgalgados, macilentos, exte-

nuados, tremulos, curvados sôb o peso do dorso, com os olhos encovados e amoretcidos? Taes copias da velhice, em sua degradação physica e moral incapazes de exercerem um estado qualquer, vivem para perpetuar nos homens o sentimento da compaixão; vivem para attestar a verdade de la Bruyère: *La plupart des hommes emploient la première partie de leur vie à rendre l'autre miserable*. Uma vez taes individuos, depois de haverem dissipado todo o seu vigor com as mulheres de má vida, vão revelar á uma esposa a enervação de seus órgãos reproductores, e reduzir uma pobre menina ao triste papel de cuidar de um enfermo; e então como consagrará ella seus mais viçosos dias á impotencia de um marido, ella em cujo coração vem amor desabrochando, esquentado pelo ardor da mocidade, e por entre as brilhantes illusões de uma fantasia sublimada? Procura a realidade das imagens sedutoras, que vira em seus dourados sonhos, e ahí vem as infidelidades e com ellas o total aniquilamento dos costumes. Porem se por ventura estes libertinos propagam sua raça, que mofino legado não transmittem elles á seus filhos, que não vem ao mundo senão como nma peripecia do longo drama da vida do homem! «E' » pela continuidade das mesmas oscillações que se propagam nas gerações humanas» assim se exprime o eloquente Virey na sua *Hygiène Philosophica* «estas series de movimentos desordenados, que se designam pelo nome de molestias hereditarias; » d'este modo a loucura, a phthisica, a gotta, a epilepsia, &c., são levadas aos descendentes como um triste apanagio, pois que os costumes até certo ponto se transmitem mesmo por sympathia. » Entretanto consultem os physiologistas os arcanos da economia humana para atinar com a causa por que taes enfermidades nos vem muitas vezes d'aquelles que nos deram o ser; o facto persiste, e a observação quotidianamente o confirma.

Outras vezes, abalisando o aphorismo de Despreaux :

Dans le crime une fois il suffit qu'on debute;  
Une chute toujours attire une autre chute.

o libertino reúne á concupiscencia todas os outros vicios que o esquecimento de sua propria dignidade produz, sobe de degráu em degráu a escala dos crimes, até que vai no patíbulo levantar-se momentaneamente em sinistro padrão á ultima das misérias humanas. D'Holbach tem razão: «ha poucos malfeitos para cuja perda as mulheres de má vida não tenham grandemente contribuido.»

Este esmagado por tantos e tão forçados prazeres, porque a sua mesma lubricidade lhe estancou a fonte spermatica, olha para os restos de sua fortuna esbanjada em seus pagodes, e exclama incitado pela desesperação com o Argyrippe de Plauto:

Percelebræ, pernices, adulescentum exitium.  
Nam mare haud est mare, vos mare acerrimum.  
Nam in mari reperi, heic elavi bonis.

A crapula o espreita, apodera-se d'elle, e vai cruelmente consola-lo das suas perdas. Aquelle, se não procura no suicidio um remate á sua miseria, vai ás portas do hospital sollicitar um leito, que os mortos acabam de deixar ainda esquentado pela febre que os devorou. Finalmente se os medicos e os moralistas ainda trateam sua razão por descobrir o berço de muitas das enfermidades, que salteam o povo das grandes cidades, abram de par em par as portas da prostituição, e em seu regaço verão asylados todos os vícios, que physica e moralmente degradam a especie humana.

O homem reservando para si os trabalhos e perigos da vida, constituindo-se campeão do sexo fragil, confiou ás mulheres a guarda do templo sagrado da castidade; e a propria natureza parece tê-las destinado para este fim concedendo-lhes exclusivamente o pudor, que é o mais bello colorido da virtude, que é como um arrebitue innocente que faz sobresabirem as graças de que ella as dotou. E com effeito, que espectaculo ha mais encantador do que uma mulher bella e virtuosa? Mas tirai-lhe o pudor, e fareis d'ella o ente mais abjecto da creação. Lá está escrito nas paginas do Ecclesiastico: « Toda a mulher que é prostituta, será pisada como o esterco em o caminho (1) » e este ferrete com que o primogenito de Sirach stigmatizou a mulher que, escancarando sua honra, se torna o instrumento venal da brutalidade publica, é o mesmo com que as sociedades modernas lhe marcam a fronte. Totalmente arroubadas pelo prazer dos sentidos, atordoadas pela dissipação, a intemperança, a vaidade, estas desgraçadas vivem sem pensar no dia de amanhã, e morrem dentro em breve afogadas na devassidão, ou então, sobrevivendo á seus attractivos, no abandono em que as deixa o mundo inteiro, não encontram em si mais do que um vasio terrivel para substituir as adorações, os divertimentos e os prazeres continuos; e assim vão dolorosamente para o tumulto arrastando uma velhice indigente, languida e desprezivel. Os males por tanto que acabámos de figurar não são partilha sómente dos homens; muitas mulheres succumbem igualmente á essas enfermidades que a incontinença gera; porém como nas mulheres publicas não é tanto a concupiscencia que as torna lascivas, como o sordido interesse com que negoceam, menos vezes ellas são victimas d'aquellas lesões que mencionámos; mas como não fica o seu moral?

Até aqui temos considerado os effeitos que a prostituição de per si só, em referencia ao abuso dos prazeres venereos, produz n'este ou n'aquelle individuo: mixtremos agora milhares dos factos que levamos descriptos, entornemos sobre elles o veneno da syphilis, e teremos o quadro hediondo das calamidades causadas pela libertinagem publica.

Veremos a prostituição, como um genio destruidor, presidindo, a favor das sombras da noite, as immundas scenas de depravação em que representam os nu-

(1) Ecclesiastico—9—10.

merosos bandos de seus adoradores, que vão depois instillar no resto da população a peçonha que beberam em seus prazeres, e que pouco a pouco vai reduzindo o homem a um simulacro do homem primitivo. E' nos lupanares que existe o foco da syphilis, umas das mais positivas causas que geram este sem numero de enfermidades que se observam nas cidades de certa ordem; variada e multiplicada em seus effeitos, poucas vezes ella destróe de prompto a vida, mas obstinada, subtil e arteiramente a fere, e o povo dorme tranquillo no meio de uma peste mortifera, pertinaz e duradoura; o povo não teme a longa agonia que importam certas molestias venereas, e as acolhe em seus lares sem se lembrar de que hospeda um inimigo implacavel, que não poupa os innocentes, e que leva sua vingança ás mais remotas gerações. Exageramos? Oxalá que isto fosse uma hyperbole da realidade!

Vamos dizer algumas palavras ácerca da syphilis, e o que expendermos será tudo applicavel á cidade do Rio de Janeiro, porque é o nosso povo aquelle que talvez mais negligencêa as enfermidades venereas. Aqui a maior parte das mulheres publicas, como já dissemos, não procuram os soccorros da medicina senão quando já seu mal tem ganhado forças para resistir á nossa arte, e burlar todos os calculos dos melhores praticos, e os homens, seguindo o exemplo das prostitutas, espalham com indifferença o veneno que receberam, entregam-se á impericia dos charlataes e boticarios, (que hoje são os exclusivamente procurados para o tratamento das molestias occultas), e desta sorte tem-se tornado a syphilis, nesta capital, como que hereditaria ou pelo menos tão commum que o povo a não reputa um flagello, não tão pouco a receia.

#### SYPHILIS.

A origem que extravagantemente deram á syphilis Jean Linder, Van Helmont, Jean Manard, Musa Brassavola, Gabriel Fallopio, Jeronimo Fracastor, e muitos outros; as formas ambigvas, variadas e numerosas que affecta este *protheo insidioso*, o modo occulto porque ella se transmite de um a outro individuo, são motivos que justificam a incerteza em que ainda se labora ácerca da natureza intima do virus venereo: defini-la por tanto philosophicamente seria definir aquillo que não se conhece, e por isso os syphilographos não tem feito mais do que descreve-la. Expliquem os partidistas da doutrina humoral de Stoll Borden, e Zimmerman os effeitos do mal venereo e a sua origem pelas alterações dos fluidos; impugnem esta opinião os Hoffmans, Baglivis, Boerrhaves e os Brows; declamem os sectarios de Broussais que os accidentes reputados como especificos da syphilis não são mais do que os pathognomonicos de uma inflamação simples: proclamem Levinus Lumnus, Laurent Joubert, Diendonné, Jean de Vaux, Astruc, e outros que o mal venereo vai em decadencia, e que proximo está seu total aniquilamento: nada tem podido infirmar esta verdade que enunciamos n'estas tres proposições: 1.ª a syphilis é um poderosissimo agente

morbifico : 2.<sup>a</sup> seu principio virulento communica-se por contagio : 3.<sup>a</sup> sua influencia se prolonga hereditariamente, degradando o homem physica e moralmente (1).

1.<sup>o</sup> *A syphilis é um poderosissimo agente morbifico.* « De todas as affecções que affligem a especie humana por meio do contagio, nenhuma ha mais perigosa, mais terrivel do que a syphilis : é verdade que ella não mata immediatamente, mas nem por isso deixa de ser immenso o numero de suas victimas ; seus estragos são continuos, e ella ataca de preferencia aquella parte da população que por sua idade constitue a força e a riqueza das nações » (2). Esta verdade arraigada na convicção de todos os praticos, é hoje tão transcendente, tão consummados escriptores a tem proclamado, a experiencia quotidiana a tem tornado tão palpavel, que seria neste ensejo ociosa qualquer demonstração : para exhibi-la mister seria escrever uma nosographia porque em nada menos importariam a historia e descripção de todas as molestias produzidas pelo virus syphilitico ; e pois mencionaremos apenas as enfermidades em que este agente morbifico pôde exercer influencia.

A syphilis, quando começa seus effeitos primitivos em um individuo recentemente d'ella infectado, não se manifesta tão variadamente como alguns accreditam : principia por uma simples irritação local, logo após inflamação, que vai subindo de ponto até ulcerar o lugar em que foi deposto o producto syphilitico : sua acção, persistindo sempre identica quanto à sua natureza, seus resultados variam tanto quanto são differentes os orgãos em que ella se effectua, conservando todavia os caracteres que distinguem estas tres affecções, cancro, bubão e blennorrhagia : prompta sobre as partes cobertas de uma epiderma muito delicada, ou sobre a derma quando nua, ella opera com maior ou menor rapidez sobre as membranas mucosas, partes genitais, âno, borda livre das palpebras, labios e lingua, sendo esta acção mais lenta sobre os outros tecidos. O germen syphilitico ulcera progressivamente as partes da economia humana, em que elle foi inoculado, transtorna seu modo de funcção, altera o producto das secreções, e nelle imprime o caracter distinctivo de contagio que se executa de individuo para individuo por meio da inoculação. Se uma medicação activa e congruente não vem atalhar a marcha da enfermidade, que tende a profundar seus estragos, de circumscripta que era em seu principio, torna-se pela absorpção do virus, uma affecção geral cuja duração, intensidade e consequencias estão na razão directa das individualidades dependentes dos orgãos accommettidos, do modo da acção, dos temperamentos, circumstancias climatericas, idade, grão de infecção, predisposições morbidas &c. &c. Hunter opina, ( e nós não julgamos errar seguindo as suas doutrinas ), que o virus venereo affecta os principios constitutivos do sangue, e que nelle

(1) Tendo procurado resumir quanto nos fosse possivel o objecto da nossa dissertação, objecto que daria materia para um longo tratado, iriamos muito avante do nosso desenho, se fossemos a dar á estas proposições todo o desenvolvimento de que são susceptiveis. Nosso trabalho é todo dedicado á hygien publico, e por tanto não propomos de discutir aqui questões essencialmente pathologicas.

(2) Parent Duchatelet.

deposita um germen occulto, ou pelo menos uma disposição latente para o desenvolvimento ulterior da enfermidade; que opera nos succos nutritivos, e no producto das secreções, uma modificação que a arte não pôde ainda rigorosamente determinar, mas que a analogia e o raciocínio forcem a admittir. Baumès, notando a impressão característica que o virus exerce sobre o systema nervoso, e observando que os symptomas da syphilis constitucional, as ulceras por exemplo não offerecem mais um pus contagioso, acredita nesta alteração do sangue, sem que se possa precisar de que lado, nem por que modo se opera tal modificação: e se é verdade essa influencia da syphilis sobre o organismo, como todos os factos induzem a acredita-lo, que agente ha mais energico do que a syphilis para impressionar profundamente a economia do homem! Quando este virus se estabelece na pelle, umas vezes se apodera de todos os seus elementos, outras vezes limita-se a um só d'entre elles; toma todos os caracteres das diferentes affecções cutaneas desde o simples erythema até á degenerescencia cancerosa. As syphilides, em suas metamorphoses, conservam um caracter que lhes é proprio; propagam-se até aos órgãos accessorios, ás dependencias da derma, ás unhas, aos cabellos. Se as membranas mucosas são invadidas, ulcerações, pustulas se manifestam em sua superficie, vegetações apparecem e a cobrem. Quando a infecção está em mais alto grão, são os ossos e seus envoltorios, os tecidos branco e fibroso os que soffrem o ataque; d'ahi as exostoses, as dores osteócopas, as caries, as necroses, &c., os engorgitamentos profundos, as alterações do corpo cellular, do systema lymphatico, &c. Ora além destas lesões externas, que muitas vezes descompõem, afeiam de tal sorte a forma humana que todos a fogem com horror, o principio venereo, lançando profundas raizes, occasiona ou complica gravemente outras enfermidades que, não podendo ser debelladas por uma medicação especial, perpetuam sua duração, ou marcham com lentos progressos, mas aturados: então sobrevem a cachexia venerea, ultimo grão de infecção e d'ahi esse não pequeno numero de molestias que ás vezes pertinazmente resistem aos meios conhecidos da therapeutica.

Não diremos como Sanchez e outros que a syphilis pôde manifestar-se debaixo da apparencia de todas as enfermidades conhecidas; mas acreditamos que as modificações que ella imprime no organismo, o dispõem para muitas e variadas lesões, e que muitas vezes exerce uma influencia activa no apparecimento de algumas affecções morbidas que não dependem essencialmente da syphilis. Acreditamos com Astruc, Stoll, Portal, Alibert, Richerand, e outros praticos, que grande numero de molestias escrophulosas devem sua origem á uma infecção syphilitica recebida por herança. Autores recommendaveis objectam que a affecção escrophulosa existe desde muito tempo antes do apparecimento do virus venereo: que em muitos paizes, onde este mal é raro, nem por isso deixa de haver grande numero de escrophulosos, &c. Nós não pretendemos que o virus degenerado ou modificado seja a unica causa das escrophulas: aquelle principio pôde obrar isoladamente; porém em muitos casos elle ajunta sua acção á das outras causas, que são reputadas como productoras desta enfermidade; e

se às vezes elle influe como causa predisponente em outras figurará como determinante.

A syphilis inveterada pôde acommetter os órgãos mais essenciaes á vida, tomar o character tuberculoso, e ir produzir profundas alterações nos ganglios do peito e do ventre, e até no parenchyma pulmonar. Morton, na sua *Phtisyologia*, exprime-se d'esta sorte ácerca da phtisica venerea, (*phtisis à lue venerea*;) « *æque etiam verum* » « *est, et in praxi non raro observandum, vere pulmonarem phtisim a mera sanguinis* » « *et humorum alteratione, lue venerea facta, originem suam ducere:* » e faz d'esta enfermidade uma descripção tal que exagera a especialidade dos symptomas, que em verdade não podem ser reputados como pertencendo exclusivamente á phtisica venerea. Petit, Morgagni, Raulin, Fabre e outros estão de accordo sobre a existencia de uma phtisica por degenerescencia, por influxo da syphilis; porem não lhe attribuem uma marcha e symptomas peculiares. Portal pensa que este virus pôde affectar os pulmões e suas glandulas lymphaticas, sem entender com os outros órgãos; e neste caso bem difficil será de achar a relação do effeito com as causas. « O vicio syphilitico » conforme se enuncia Baumès « concorre muitas vezes para o producção da phtisica » « *guttural*; mas não se limita a determinar esta affecção pouco commum, não res- » « *peita os órgãos da respiração, e pelo contrario acommette-os com vigor.* » Belloc consagra em sua obra estes mesmos principios, e Desruelles assim expende a sua opinião: « as ulcerações da trachêa-arteria e do larynge podem existir longo tempo sem » « *motivar profundas lesões; porem os órgãos pulmonares acabam por serem alterados,* » « *e a phtisica é de ordinario a consequencia da ulceração do larynge.* » Alguns pathologistas finalmente não classificam a syphilis no numero das causas directas da phtisica, mas estes mesmos não negam a acção que ella pôde exercer tanto sobre os pulmões como sobre outras partes do corpo, quando já ella tem modificado e alterado o organismo.

Dependerá algumas vezes o rachitismo de uma infecção venerea? Esta enfermidade que tão cruelmente ceifa no breve numero de vidas que vem apenas de começar, é em muitos casos o producto da syphilis, ou pelo menos complicada por este principio deletereo: Bouvart, Morgagni, Lieutaud, Portal, e outros acreditam esta proposição, e os factos parecem confirma-la.

Em resumo não diremos com Garrère que seria infinita a descripção, se alguém pretendesse leva-la por todas as partes em que a syphilis pôde ser depositada; pois que de entre as lesões que se attribuem á este virus, uma parte necessita de ser justificada por maior numero de observações, taes são por exemplo o escorbuto, o cancro, a gotta, as febres intermittentes, &c.; e a outra compõe-se de enfermidades que pertencem antes ao quadro d'aquellas que são originadas pela incontinencia dos prazeres venereos, como são: as gastrites e enterites chronicas, a consumpção dorsal, as diversas lesões de coração, a apoplexia, o endurecimento, e amollecimento do cerebro, e outras que já mencionámos; mas o que parece incontestavel é que a

syphilis, deteriorando a economia humana, a dispõe eminentemente para receber a acção de agentes que não influiriam com tanta gravidade em circumstancias oppostas, e que desta sorte, alem dos males que directamente produz, figura como uma das causas mais predisponentes. Tal é pouco mais ou menos o conceito que Ricord formulou nesta proposição (1): « la syphilis est toujours une maladie sérieuse, « en raison des maladies concomitantes et antécédentes dont est affecté le sujet. » Se attendermos agora ás vicissitudes frequentes que soffre a atmosphera da cidade do Rio de Janeiro; a fallencia dos meios sanitarios que a hygiene publica recomenda; aos temperamentos lymphatico e nervoso, de que tanto abunda a nossa população, e que são reputados como muito propicios á infecção venerea, e sobre tudo á negligencia com que são tratadas as molestias syphiliticas; teremos nestas condições motivos muito sufficientes para explicar o facto do espantoso numero de phthisicos que todos os annos descem á sepultura; do character morboso que em geral distingue o povo d'esta cidade, ou antes d'esta disposição cachetica que se nota nas classes que não se dão á exercicios corporaes.

2.º *O principio virulento da syphilis communica-se por contagio.* O espirito da medicina e o conceito do vulgo estão hoje tão intimamente compenetrados da verdade d'esta asserção; ella se acha tão cabalmente abonada pela pratica e observações de quasi seis seculos; habeis escritores a tem demonstrado com tal evidencia, que ha grangeado o character de infallibilidade do axioma. Foi a contagiabilidade do virus venereo que estimulou as antigos a procurarem na Astrologia judiciaria a causa intima d'esta molestia, que horriavelmente assolava os povos. E' a contagiabilidade que tem tornado a syphilis o mais pertinaz e cruel flagello das grandes cidades, flagello mais terrivel que o da peste; pois se esta, rodeada de todo o apparato da morte, com suas rapidas devastações, diffunde panico terror por entre a humanidade, aquella, folgando entre prazeres, e disfarçada com os atractivos do amor, vaga pelo meio das cidades, entende com o coração do homem, á quem affaga e seduz para lança-lo depois nos braços da morte ou da miseria. A peste mata com rapidez, vai-se, e não volta senão depois de longos annos; a syphilis estabelece morada fixa nas povoações, manhosamente se insinua no organismo, e consegue por meio da tenacidade o que a outra faz pela violencia.

3.º *A syphilis se prolonga hereditariamente, degradando o homem physica e moralmente.* Este character é talvez aquelle que mais aggrava a malignidade da syphilis, e que prova o delirio dos antigos medicos que a reputavam um castigo do céo. O contagio, não respeitando idades nem condições, pôde ao menos ser obviado, e pelo commum não se opera senão em os individuos que se expõem á seus insultos; porem a qualidade de poder ser transmittida por herança? O innocente vem a este mundo expiar as faltas de seu pais, carregando a vida, desde

(1) *Traité pratique des maladies veneriennes.*

seus primeiros dias, como um fardo de dores: se elle chega a ver assomar a aurora de sua razão, sem que o hajam alliviado da oppressora carga, começa a não enxergar neste mundo mais do que um reino de iniquidades, revolta-se contra aquelles que lhes deram tão miseravel existencia, e o resentimento aferrando-se ás suas entranhas, e alterando seu modo natural de sensibilidade, envenena os centros nervosos, e leva ao seu moral uma tendencia irresistivel a empeorar sua sorte mesquinha. Se a syphilis, accommettendo os individuos, quando já seus órgãos tem assumido todo o vigor que caracteriza a idade adulta, produz esse enxame de males que levam a desorganisação aos mais densos tecidos, ou então, passados os symptomas primitivos, altera, modifica por tal modo o organismo que o dispõe a ser affectado pela mais leve causa morbifica, como ha pouco enunciámos; qual não será a energia de sua acção destruidora em um ente cujos órgãos, apenas modelados, sem consistencia, sem fortaleza, mal podendo soffrer o movimento instintivo que demandam suas funcções, se resentem da mais tenue impressão que possa perturba-las? E' por esta razão que nos adultos a syphilis raras vezes determina directamente a morte, entretanto que as crianças poucas vezes resistem á sua malefica influença; e isto está de acordo com a proposição de Swediaur(1): « la plupart des enfans qui naissent avec la vérole meurent bientôt après; » mas quando ellas não succumbem, a acção lenta e deleterea dos virus exhaure as forças physicas, cria entes franzinos, debeis e enfermos, e os predispõe para as alterações lymphaticas ou serosas, as desordens da inervação, convulsões, affecções cerebraes, diathese escrophulosa, dartrosa, tuberculosa, &c.

Louis, Fabre, Portal, Cullerier, Mahon, Baumes, Bertin, Hunter, Ricord, Richard de Nancy, e muitos outros praticos recommendaveis sustentam com tão numerosos factos esta doutrina, que nos dispensamos de insistir sobre uma propriedade da syphilis que passa por incontestavel; mas depois de havermos mencionado as principaes enfermidades que mais frequentemente são o producto da libertinagem, e que trazem a degradação physica aos habitantes das cidades populosas, é mister que tambem demos rapida vista do modo por que taes enfermidades acarretam a degradação moral.

As alterações organicas que a prostituição e a syphilis produzem na economia humana, exercem um influxo tão desastroso sobre os povos, que um distincto economista, M. de Gerando, assim se exprime: « a syphilis é um veneno que circula em todas as veias, penetra os principios vitaes, enerva em sua fonte as forças de que o homem, abarbadado com uma situação difficilissima, carecia para d'ella triumphar; elle afraça de uma vez tanto o vigor do physico, como a potencia intellectual. »

Figuremos um d'estes homens que, vivendo do modico salario que lhe ganham

(1) *Traité des maladies veneriennes.*

suas mãos calejadas, não podem exceder ás depezas calculadas sobre o maximum do seu trabalho, e dêmo-lo ocommettido de uma d'estas enfermidades syphiliticas, que se denunciam por alguma lesão externa. O individuo, ignorando a principio os desastres que o aguardam, procurando esconder o mal que o afflige, e acossado pela necessidade, continúa em suas occupações ordinarias : os esforços que emprega para vencer a dor empeoram seu estado ; aos symptomas locais succedem os phenomenos geraes , a infecção satura todo o organismo, e prostrado pelo ardor da febre e a intensidade dos tormentos, é então que abandona o trabalho que o mantinha, para ir em um leito entregar-se á desesperação de não poder ir ganhar os meios para a sua subsistencia. Se os accidentes inflammatorias, se as lesões externas tem cedido á medicação applicada, nem por isso deixa de ficar a enfermidade especifica ; e, ou o doente fica inhibido de sahir do seu aposento para submetter-se ao tratamento , e ás precauções que o medico prescreve, ou então deleixa-se, recusa-se á uma cura radical, para depois de algum tempo soffrer de novo, e muitas vezes sem treguas, enfermidades que pouco a pouco vão deteriorando toda a sua constituição. Em qualquer d'estes casos, qual é o resultado moral ? Em primeiro lugar, o operario, havendo interrompido o seu trabalho, e forçado a contrahir emprestimos para occorrer ás despesas do seu tratamento, colloca-se nas circumstancias de jamais poder desempenhar-se, e de perder d'esta sorte o credito de que gozava, e de que podia dispor : e quem será tão myope que não enxergue as consequencias de um tal estado, tanto para o individuo, como para a sociedade ? Em segundo lugar, o operario começa por perder o horror que tinha á syphilis, já não cuida de evita-la, expõe-se á ella com alouteza, não trata mais de soccorrer-se á medicina, torna-se preguiçoso, indolente, pusillanime, perde a energia, e a generosidade de seu character, a força de sua vontade ; seus costumes se pervertem, e d'ahi á pouco ei-lo familiarisado com o vicio. Entretanto não é somente nos operarios que taes alterações se manifestam ; ellas são tambem o quinhão d'aquelles que se libram em melhor sphaera, quando não retrocedem de suas devassidões : escravos do dever e dos prejuizos, ou retidos pela vergonha, pretextam mil obstaculos á sua cura, e o virus venereo não tarda a estampar em seu character todas as fôrmas da libertinagem. Imaginemos agora que o facto, que figuramos em um celibatario, tem lugar em um chefe de familia. Os resultados funestos que affectam a subsistencia necessaria á vida, redobram de gravidade, e a miseria por um lado, e por outro a reprehensivel conducta d'aquelle que devera ser o exemplo da morigeração, trazem a corrupção ao sanctuario da innocencia. O desvairo da mulher depende quasi sempre das faltas do marido, que quer exigir uma pureza de costumes a que elle proprio recusa submetter-se ; e se o marido brutal communica á esposa innocente o veneno que foi beber no adulterio, quanto mais perigosas não são depois as consequencias d'este crime !

Muitos escriptores fallam d'estes effeitos moraes da syphilis, e Cabanis os attribue á degradação dos órgãos genitales, bem como á uma modificação especial do systema nervoso determinada por aquelle virus. E com effeito, acreditará alguem que a syphilis seja estranha á quantidade innumeravel de pedintes que vegetam nas ruas d'esta corte á sombra da caridade publica? Ella é proclamada por todos os economistas como uma causa poderosa do pauperismo nas grandes cidades. Acreditará alguem que a syphilis não concorre para subtrahir ás nossas milicias um numero não pequeno de moços, que não servem senão de alimentar a libertinagem publica?

Não repetiremos aqui o que já levámos exposto no artigo — causas, — pois que já nelle desenvolvemos os mais salientes resultados moraes da prostituição: e se um tal agente basta por si só para os produzir, é obvio que a syphilis, sua companheira inseparavel, pela acção especial e morbifica que exerce sobre o organismo, e pelas leis que regulam o intimo commercio do physico com o moral do homem, deve operar como nova causa na dissolução dos costumes, e levar ao cumulo a degradação da humanidade. Tal é a nossa convicção; e apoiados na autoridade valiosa de Sanchez, Forestus, Cabanis, Chapeau, Descuret, Potton, Fodéré, de Gerando, Duchatelet, etc., compendiamos nosso discurso na seguinte proposição: — a syphilis, atacando inevitavelmente o bem physico e o bem moral do povo; embargando o trabalho, e demandando incremento de despesas, degrada o character d'aquelles que se deixam embeber de um tal veneno. —

---

## CIRCUNSTANCIAS

QUE ENTRETEM E FAVORECEM A PROPAGAÇÃO DA SYPHILIS  
NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO.

---

Se na prostituição, como é notorio, e já o dissemos, existe a nascente d'onde mana a contagiosa peçonha da syphilis, por certo que todas as causas que influem sobre a prostituição, influem tambem, ainda que indirectamente, para a propagação do virus syphilitico; porém como ha no Rio de Janeiro circunstancias que muito de perto favoneam o contagio venereo, sem que possam achar lugar entre as causas da devassidão, vamos neste artigo fallar das principaes.

Em muitas cidades populosas da Europa as mulheres publicas, sujeitas a regulamentos policiaes mais ou menos severos, são obrigadas a receber a visita dos medicos autorisados a confirmar qual o seu estado de saude, e quando são encontradas com os symptomas que revelam uma infecção venerea, as autoridades competentes as forçam a se recolherem aos hospitaes, d'onde não sahem senão depois de completamente curadas. Temos nós alguma cousa que arremede ao menos esta instituição benefica que, se não extingue a syphilis diminue muito o seu contagio? É pois manifesto que a negligencia extrema da nossa policia á este respeito, deixando ás prostitutas a ampla liberdade de que gozam, é a primeira das causas que figuram neste artigo. A negligencia das leis succede o deleitamento individual, fomentado por uma horrivel necessidade. As desventuradas meretrizes tem medido toda a extensão da verdade que proferia a Clæereta de Plauto, expondo a Argyripo o segredo de sua profissão :

*Diem, aquam, solem, lunam noctem, hæc argento non emo :  
Cæterea, quæque volumus uti, græca mercamur fide.  
Quum à pistore panem petimus, vinum ex ænopolio,  
Si res habent, dant mercem. Eadem nos disciplina utimur.  
Semper oculatæ manus sunt nostræ; credunt, quod vident.*

Se pois tem ellas o infortunio de serem infectadas da syphilis, o que farão? Parar na carreira da libertinagem para acudir á sua saude? E quem lhes deparará os meios para este fim, quem as alimentará? Entre a morte pela fome, e uma enfermidade poucas vezes directamente mortal, não vacillam em escolher a menos pavorosa, e vão indifferentemente transmittindo o fatal presente que receberam. Vem ápos estas duas causas o charlatanismo, e a veneração que na capital do Brasil se tributa á este camaleão, que se alimenta da credulidade publica, e se refocilla principalmente nos

males que affligem o povo. A tolerancia que ha para com os charlatães e a liberdade de se venderem remedios secretos, são motivos que aggravam e tornam a syphilis mais frequente entre nós. Em parte nenhuma a policia medica é tão menosprezada como aqui; em parte nenhuma o nobre exercicio da medicina, que tanto interessa á sociedade, encontra menos protecção e apoio nas autoridades. Ha uma lei neste Imperio que veda o exercicio da arte de curar a todo o individuo que não estiver legalmente autorizado: ha uma outra lei que marca os direitos, e extrema as attribuições do medico e do boticario; mas que aproveitam estas leis? Todos os dias mercenarios ignorantes, (ainda em alguns paizes occultam seus nomes; porém aqui não sentem esta necessidade), estampam artigos nos Jornaes, ou affixam cartazes nas esquinas, annunciando remedios maravilhosos contra todas as enfermidades: as visitas nada custam, nada. . . . somente a saude. . . . ou pouco mais, a vida. Todos os dias vemos insolentes charlatães improperando pela imprensa, e dando o epitheto que lhes compete á outros charlatães que apregoam remedios identicos, para que o povo afflua de preferencia á sua casa: vemo-los disputando porfiadamente sobre a originalidade d'este ou d'aquelle medicamento. Vemo-los arrancando-se mutuamente as mascaras, e denunciando ao publico factos, que em outros paizes fechariam as portas de uma prisão sobre taes impostores. Vemo-los até renhindo com membros da Faculdade de Medicina!!! Onde se viu tamanha protervia? Isto parece incrível; porém não é menos verdade que todos esses annuncios emphaticos, de que apparecem inçados os nossos jornaes, são um doesto ás nossas leis, um escarneo ás autoridades, um apódo ao senso-commum, uma chança á sciencia medica, uma satyra acerba emfim á nossa civilisação.

Os pharmaceuticos bradam contra os droguistas, e os charlatães, que invadem o direito exclusivo que lhes dá a lei de venderem preparações medicamentosas officinaes; elles tem razão; mas deverão lembrar-se de que tambem invadem o direito exclusivo de curar, que a lei outorga ao medico, constituindo-se juizes da opportunidade da applicação dos remedios preparados em suas boticas, inventando formulas, annunciando-as como infalliveis nesta ou n'aquelle enfermidade, e vendendo-as sem uma receita dos professores (1). É ao medico somente que pertence, e poderá pertencer o direito de exercer a arte de curar, pois que só elle é que preenche as condições, e soffre as provas especiaes, que a lei exige como garantia perante a sociedade; e por tanto elle é o unico habilitado para preconisar esta ou aquella preparação, porque sabe em que casos, e em que circunstancias convem a sua applicação. Pode muitas vezes um remedio secreto operar com muito bom exito; mas isto não basta para ser autorizado de uma maneira geral; porque, não sendo conhecida a sua com-

(1) Não pretendemos ferir ninguem: investimos em os abusos, e não com as individualidades. E' justa confessar que temos n'esta corte abalizados pharmaceuticos que sabem com honra desempenhar seu titulo, e não serão estes cidadãos respeitadores da lei, que quizerão vestir sua sciencia com os habitos do charlatão, e como elle truanear perante o publico sensato.

posição, não ha certeza de que seja útil, ou pelo menos innoxio, em casos analogos, e assim é mister que primeiro a sua efficacia seja reconhecida pelos homens da arte, unicos juizes competentes em tal materia.

A syphilis que nos primeiros tempos do seu apparecimento foi um objecto de horror, tem-se tornado tão familiar que já ninguém a teme como mortifera ; parece estar de todo fóra do dominio da sciencia. Os charlataes, apoderando-se do espirito publico por meio de seus embustes, tem assumido a si o tratamento exclusivo das molestias venereas durante seus symptomas primitivos, de sorte que talvez oitenta por cento dos doentes, em vez de procurarem os facultativos, vão lançar-se aos boticarios, e fazedores de annuncios pomposos, que de ordinario, com seus meios violentos, não fazem mais do que aggravar as enfermidades, que pretendem curar. Qual medico não tem visto inflammações intensas de bexiga terminadas por suppuração, tumores da prostata, estreitamentos, ulcerações e fistulas da uretra &c., resultado de injectões secretas, e intempestivamente empregadas nas blennorrhagias? Quem não tem visto, em consequencia da cauterisação imprudente de cancrios venereos, sobrevirem fluxões sobre-agudas á garganta, que terminando por ulcerações obstinadas, que se propagam ás partes circumvisinhas, assolam o véo do paladar, as cartilagens e ossos do nariz, os seios maxillares, &c. ? Nem sempre estes resultados são tão funestos, e os charlatães conseguem ás vezes o desaparecimento momentaneo dos symptomas primitivos ; mas resta a infecção geral, que elles não conhecem ; e depois de haver o doente propagado a syphilis de que se acha eivado, confiando na cura que lhe asseguraram, é acommettido dos symptomas consecutivos, á que podéra esquivar-se, se não fôra confiar o bem inapreciavel da saude ás mãos de um impostor. A syphilis, como já deixámos dito, é a enfermidade que se apresenta debaixo de formas mais variadas, e cujo tratamento, difficil quanto importante, reclama por conseguinte mais habilidade, perspicacia, estudos preliminares e uma pratica longa e continua da parte d'aquelles que são chamados a emprega-lo. Dao-se por ventura estas circumstancias em um aventureiro, que não especula o meio para debellar a enfermidade, mas sim o meio para extorquir dos doentes a sua fortuna? Se os melhores remedios produzem em muitos casos resultados fataes ; se os mais fortes talentos da medicina quebram-se ás vezes de encontro ao diagnostico e therapeutica da syphilis, o que se hade esperar de composições violentas, amalgamas de drogas que, por sua natureza, bastam para levar ás entranhas a destruição e a morte? O que se hade esperar de homens que, não conhecendo senão a importancia do dinheiro, deixam o balcão de uma loja, ou de uma taberna, a tripeça do sapateiro, ou o banco do carpinteiro, para tomarem a seu cargo a saude do povo, exercendo simultaneamente a profissao de medico e pharmaceutico? D'esta arte é protrahindo ou aggravando o mal venereo que o charlatanismo concorre para a sua propagação.

E' inconcebivel como no Rio de Janeiro, centro da civilisação brasileira, onde figuram tantas capacidades scientificas, seja levado ao ultimo grão o esquecimento, e abandono de todas as precauções, de todas as regras hygienicas, de todos os deveres e preceitos que exige uma bem organizada policia medica; porem o facto existe, e a impudencia e ardimento com que todos os dias o charlatanismo alardêa suas maravilhas nos jornaes d'esta capital, defraudando nossas leis, e insinuando-se ardilosamente na credulidade publica, são uma apodixe irrecusavel do que temos avançado.

Outras causas que não deixam de cooperar para a propagação da syphilis são certos prejuizos que, simulados ou reaes estão em voga no Rio de Janeiro. Muitas pessoas acreditam na incontagiabilidade das blennorrhagias depois de passado o periodo agudo: esta convicção as impelle a não evitar contacto algum torpe, e onde ellas vão deleitar-se, ahi communicam o germen do mal de que estão affectadas, sendo muitas vezes as victimas suas proprias mulheres que tem de soffrer o castigo revoltante das infidelidades de seus maridos; e já o dissemos, se procream, os renovos de sua especie vem enfezados de syphilitis, e desde o berço começam uma existencia de tormentos. Outros individuos ha que nutrem o prejuizo barbaro de que a inoculação d'este virus praticada em uma mulher pubere, é um meio prompto e seguro de o extinguir em si. Não sabemos se com effeito esta crença é nascida da convicção, ou se não é mais do que um pretexto para consumir novos crimes; o que sabemos é que ha factos d'esta natureza. Um objecto que em nenhum paiz tem merecido uma seria attenção da parte dos legisladores, é a facilidade com que homens, todos saturados do mal contagioso, contrahem casamentos, e transmittem á sua mulher, e á sua posteridade este vicio que deteriora a raça humana. Nós outros medicos, que penetrámos os segredos pathologicos das familias, sabemos com que frequencia no Rio de Janeiro se succedem estes casos, e não é preciso fazer-lhes comentarios, para que qualquer possa computar a influencia que elles exercem sobre a saude publica. Bem diz Eugenio Sue, que os homens que propoem premios para o melhoramento da raça dos animaes que vivem sob seu jugo, olham com negligencia para si, e não curam de melhorar sua propria especie que decahe a olhos vistos.

---

## PROPHYLAXIA DA SYPHILIS.

Si Jenner s'est rendu à jamais célèbre par la découverte de la vaccine, comme preservatif de la variole, celui qui, d'une manière aussi absolue, préviendrait la syphilis, aurait, des droits à l'immortalité.

*Ricord — Prophylaxie de la Syphilis.*

Quando a syphilis appareceo pela primeira vez na Europa, cahio sobre os libertinos com furor tal, apresentou-se com um apparato de symptomas tão aterrador, que tornou-se um objecto de proscricção e de exorcismo, e muitos medicos italianos e hespanhoes a reputaram um castigo da colera Divina evocada pela corrupção geral dos homens. Conradinus Gelinus, Almenar, Lobera, Cataneus, e muitos outros adoptaram esta idéa, que calou no espirito dos moralistas, transmittio-se atravez dos seculos, e repercutio no Vaticano, d'onde um Papa, não ha longo tempo, fulminou uma Bulla sancionando este principio, e declarando que *« curar o mal venereo era oppor-se aos Decretos da Providencia, « que quiz castigar as creaturas por onde ellas haviam peccado (1). »* Imbuídos de taes pensamentos os moralistas manifestaram que não convinha dar cabo de uma enfermidade, que servia de empeco ao desenfreamento da libertinagem, e de garante á continencia publica. Os medicos, compenetrados de sua alta missão sobre a terra, e guiados pelo nobre sentimento da humanidade, emmouqueceram ás declamações dos moralistas, dedicaram-se a soccorrer as victimas, e se deram as mãos para esmerilhar nos arcanos da intelligencia o segredo de preservar o povo do flagello que o assolava. Appareceram em 1502 Wendelinus Hock aconselhando que os infectados recorressem á Deos e á Virgem Maria, e que se abstivessem da luxuria; porque os medicos espiritalistas pensavam que algumas molestias eram o effeito de certos peccados (2); Almenar propondo loções com uma decocção de plantas aromaticas em vinho branco com mel rosado, como preservadoras da syphilis; em 1563 Alexandre Petronius preconizando epithemas, que consistiam em uma decocção de drogas aromaticas, excitantes, adstringentes e anti-venereas. A despeito d'estes suppostos prophylaticos, o mal progredia sua carreira de destruição, e a medicina seu caminho de reparações; e no meio d'esta

(1) Santos Cruz; obra já citada.

(2) Cullerier et Bard Diction des Seien Med — art. — Syphilis.

lucta desigual da vontade e sciencia do homem com o querer e industria da natureza, lucta cuja presa é a humanidade, appareceo o famulento charlatanismo com a hypocrisia nas faces, proclamando uma victoria fantastica, e estendendo á victima *mão amiga* para a despojar, em quanto com a outra escondia o escarneio que ressumbrava debaixo da mascara da philanthropia. Foi então que elle derramou sobre as nações o seu contagio de meios preservadores da syphilis, e que sua cobiça insaciavel sorvêo do povo grossos cabedaes: mil remedios, cada qual mais absurdo, foram apregoados nas praças e pela imprensa, e mil victimas eram o resultado dos charlatães. O medico teve de vir a braços com mais este inimigo, e traleando sua razão para descobrir isto, que é como a pedra philosophal da arte de curar, não atinou jamais com um anti-venereo que simulasse ao menos a acção maravilhosa do pus vaccinico, e subtrahisse á impostura este interminavel objecto de ganancia. Muitas formulas, mais ou menos complicadas, foram preconizadas por seus autores, que viram depois os factos burlarem suas theorias: corpos protectores, loções acidas, alcalinas, aromaticas, adstringentes; pomadas, licores desinfectantes, causticos, &c., &c.; finalmente muitas preparações, estas tendentes a adstringir os tecidos para obviar a absorpção, aquellas a obstar o contacto immediato do virus, ou a aparta-lo antes que a absorpção se opere, aquellas outras a destrui-lo em sua essencia, tem sido offerecidas ao povo da Europa como um invento capaz de o tornar inacessivel ao mal da syphilis; porem nem uma de taes preparações tem sobrevivido á experiencia. Por ultimo a humanidade esteve a ponto de exultar com uma grande nova, e de vêr quebrar-se a taça que contem o veneno mortifero que é distillado no vasto alambique da prostituição.

Segundo refere Poton, (1) « em 1772 o doutor Guilbert de Preval, professor « de materia medica na Faculdade de Medicina de Paris, annunciou a desco- « berta de um *especifico anti-venereo*. Toda a faculdade levantou-se contra elle, « bradando que era um escandalo, a fim de o apear como indigno do nobre « lugar que occupava. Experiencias reiteradas, testemunhas authenticas, ates- « tados de muitos medicos, provas numerosas, tudo fez acreditar que o inventor « deshonorado, vilipendiado e condemnado por um julgamento solemne em 1777, « tinha muito provavelmente encontrado um preservativo real; porem a decisão « que se tomou, as perseguições dirigidas contra Guilbert de Preval, as razões « de moral que foram allegadas, a decencia publica compromettida, (na opinião « dos antagonistas da descoberta) tolheram o inventor de divulgar sua impor- « tante formula. » Este facto notavel deu lugar á um longo e escandaloso processo, e manifesta com evidencia até onde podem os prejuizos arrastar os homens.

Ora, em quanto na Europa o charlatanismo tem ávidamente semeado á mãos

(1) De la Prostitution dans la Ville de Lyon.

cheias na credulidade publica seus manifestos de preparações prophylaticas, seus especificos secretos, é de maravilhar que elle tenha deixado inculto no Rio de Janeiro este campo de especulações. appareceo, ha talvez oito ou dez annos, um artigo em nossos jornaes annunciando um medicamento prompto em curar, e infallivel em preservar da syphilis; mas tão poucas vezes se repetiram os annuncios, que acreditamos que seu autor, achando o terreno maninho, abandonou uma empreza em que só teve de despendar, e nada a ganhar; e desde então não tivemos noticia de que se apresentasse algum outro. Podemos por tanto inferir do que levamos exposto, que nesta cidade, e sem duvida em todos os paizes, ainda a sciencia do homem não deparou á sua especie a traça de a defender dos insultos venereos (1).

Aqui naturalmente surge a questão: — a moral permite estas medidas prophylaticas? — Moralistas austeros acreditam que é mister abandonar a si proprios os miseraveis que devem á libertinagem os males que os acabrunham; porque é necessario, dizem elles, deixar cumprir-se o Decreto da Providencia, que quer castigar o vicio com o mesmo vicio; clamam que é um sacrilegio andar o homem em busca de um preservativo contra um mal que é a manifestação da vontade celeste, e cujo aniquilamento importaria a subversão total do imperio da castidade. Esta linguagem fautorisada nestes ultimos seculos por homens de nota, é sem duvida muito propria para um cenobita, educado entre as paredes de um claustro, azevado a subjugar com o cilicio os estímulos da carne, que não conhece o homem e suas paixões, e que não olha para o mundo senão átravez do prisma da religião: é muito propria para ser doutrinada, em tempos de fanatismo, por um Dominicano no meio de uma praça, ao clarão das fogueiras, entre os brados das victimas que sentem a chamma tostar-lhes os membros, e os surdos gemidos de um povo suffocado pelo terror; mas fallará d'esta arte o philosopho que haja contemplado a historia do coração humano, neste seculo em que se não prega o Evangelho com a eloquencia das torturas, das masmorras e das fogueiras; em que não se offerlam ao Deos das misericordias sacrificios de sangue; e em que não se abre a veia aos reis para extrahir-lhe do principio da vida o sentimento da compaixão? O Christianismo, levantando na Europa o estandarte ensanguentado da Redempção, pareceo que ia derribar o homem encumeado no monte das paixões, e entretanto Tertulliano queixa-se amargamente da numerosa quantidade de mulheres que, em seu tempo, se entregavam ao trato meretricio, e que vergonhosamente tinham commercio com os sacerdotes, os monges, e outras pessoas votadas ao serviço dos altares, e ás quaes elle dava a al-

(1) Consta-nos que M. Dugniolle tem obtido optimos resultados do emprego da soda caustica como preservadora do mal venereo. Ainda não vimos peremptoriamente provada a sua efficacia, e por tanto não aventuramos nenhum juizo á seu respeito. Elle a emprega topicamente.

cunha de *mulas do demonio* (1). Sobrevem a syphilis, e seus terrores não poderam vencer o que não venceu a pureza e santidade da moral christã; as paixões não se calaram, o furor da carne não se abateo, e o vicio continua a ser sempre o que d'elle disse d'Holbach « un tyran qui donne à ses esclaves un fatal courage » capable de leur faire affronter les maladies et la mort. » E' portanto nossa convicção, que ninguem poderá seriamente sustentar hoje o principio da immoralidade dos meios preservadores da syphilis, e por isso não proseguiremos na defeza da doutrina de Ricord, que nos servio de texto para este artigo, e nos limitamos a apresenta-la nas seguintes proposições:

1.<sup>a</sup> Se a syphilis fosse um castigo celeste, ella não accometteria tantos innocentes que são victimas da libertinagem de outrem.

2.<sup>a</sup> A humanidade leccionada em cada pagina do Evangelho por aquelle que para a salvar padeceu morte affrontosa, é a base, ou antes, é ella mesma a nossa moral, a nossa religião: por tanto é anti-religioso e anti-moral o principio que condemna por sacrilego o tratamento prophylatico da syphilis.

3.<sup>a</sup> Esta enfermidade, longe de ser um obstaculo, é um principio de corrupção.

Assim pois o medico desempenha um dever de caridade pesquisando o meio de preservar seu proximo do contagio venereo. Jacques Berenger de Carpy, introduzindo na materia medica o mercurio para o tratamento curativo d'esta enfermidade, grangeou um titulo á veneração dos homens; o novo Jenner que desencerrar dos mysterios reconditos da natureza o elemento prophylatico da syphilis terá achado a pedra philosophal, e será credor das benções da mais remota posteridade.

---

(1) Foderè Diction des Scien Mod — art. — Prostitution.

## CONCLUSÃO.

Il y a des vices qui ne tiennent à nous que par d'autres, et qui, en ôtant le tronc, s'emportent comme des branches.

BLAISE PASCAL—*Maximes*.

Quando a verdade e o erro se tem fortemente emaranhado no trama das opiniões humanas, a separação não pôde ser effectuada sem dilacerações, e ainda para ella se conseguir é mister uma perspicacia, uma tenacidade e providencia de philosopho: as preocupações e os costumes formam um laço rigido que prende os povos ao póste da mediocridade, e se uma vontade decidida não vem quebrar os fios que os retém, vergonhosa apathia se apodera d'elles, e então nem os esforços do genio, nem o vigor das leis, nem mesmo o aspecto medonho da desgraça podem vencer isto, que é como uma segunda natureza no homem, o habito; os vicios criam profundas raizes, como diz Seneca (1), e no conceito de Pope perdem toda a sua fealdade (2). O costume, consolidado por uma cadeia e uma successão de exemplos, supprime a falta da lei, faz as suas vezes, adquire a mesma autoridade, e torna-se uma lei tacita ou de prescripção; envolve o povo em uma sphaera de movimentos forçados e limitados, caudilha suas vontades, e o instiga a preferir os defeitos da actualidade aos melhoramentos do futuro; neste estado de authomatismo o vicio o empolga, e como aquelle abutre que no Caucaso roia as entranhas a Prometheo, consome sua fortaleza à medida que vem renascendo; porém com potencia de motivos, prudencia de meios, e combinação de esforços aturados, nada é impossivel ao homem. Appareça um mortal com a constancia infatigavel, e a intrepidez d'alma do valeroso neto de Alcêo, que recebia denodadamente todas as vicissitudes da sorte; appareça um mortal com esta magnanimidade que se chama Philosophia, porque ella provem menos de uma indifferença natural do que do habito de contemplar as tempestades da vida e os desfavores da fortuna, e este mortal conseguirá desprender o povo dos laços que o prendem, e libertal-o do abutre que o de-

(1) Quemadmodum omnia vitia penitus insidunt, nisi dum surgunt, oppressa sint.

(2)

D'horrida fôrma o torpe vicio é monstro,  
Que para detestal-o basta só vel-o;  
Mas visto com frequencia, o terror cessa,  
Suporta-se, condee nos, e o abraçamos. Trad.—de Targini.

vora. Taes são as circumstancias em que se acha a cidade do Rio de Janeiro á respeito da prostituição. Dizei-lhe que é mister sujeitar as mulheres publicas á um severo regulamento policial, cerceando-lhe a liberdade com que affrontam a decencia e a saude publica; e milhares de vozes se levantarão para gritar que isto é um attentado contra a nossa muito liberal constituição; pretextar-se-hão milhares de difficuldades, porque não é sem extraordinaria commoção que os povos acceitam uma grande idéa, e se curvam á necessidade de alterar, ou modificar seus costumes, e a prostituição publica, avesada aqui á licença de que sempre gozou, não soffrerá sem desesperada resistencia o açamo com que alguém pretender soffreal-a. Diz Montaigne « ce qui est hors des gonds de la coutume, on le croit hors des gonds de la raison »; e muitos espiritos que nada conhecem além do habito que os domina, realisarão esta verdade, revoltando-se contra uma refôrma concernente ás mulheres de má vida. Entretanto ella é altamente reclamada pela moral e pela saude de uma vasta população.

Espalhadas, disseminadas por todas as ruas e praças d'esta capital, na visinhança dos templos, dos collegios de educação, das estações publicas, dos quarteis, dos hospitaes, e das casas em que moram as familias honestas, alardeando sua impudencia aos olhos do povo, as mulhes publicas são um objecto de grave escandalo e demoralisação. Sua casquilharia, a ociosidade em que passam seus dias, e que parece o resultado da abastança e da commodidade, são um insulto permanente á virtude, e um ponto de funestas comparações para a innocencia das meninas honestas, pobres e laboriosas, que já abaladas pelos attractivos da ganancia, a vaidade do luxo, a inveja da liberdade, e os incitamentos de uma idade de effervescencia, se decidem a consumir a sua perda, certas como estão de que poderão occultar sua vergonha no meio do turbilhão da libertinagem. Por outro lado a syphilis, resultado immediato da prostituição, atacando tanto aos libertinos, como á mulher honesta e virtuosa, tanto ao adulto, como ao innocente que bebe com a vida o germen devastador, derramando seus males sobre a população, vai levando-a ao ultimo grão de deterioramento. E pôde por ventura casar-se com o estado actual da nossa civilisação a negligencia extrema com que é olhado entre nós um vicio, que é o nosso manancial de corrupção physica e moral?

Não vamos agora rastejar a historia da legislação das mulheres publicas para evidenciarmos a vantagem d'esta ou d'aquella lei, d'este ou d'aquelle regulamento, nem tão pouco offerecer aqui um projecto da lei para organizar a prostituição; isto, além de não caber nos angustos limites de uma breve dissertação, levar-nos-hia para o campo da economia politica, objecto todo alheio do nosso proposito. A hygiene publica attributa o medico de expor os factos, suas causas, e as medidas sanitarias; porem ao poder compete a iniciativa da lei, e não devemos pois neste ensejo expor as nossas doutrinas ácerca da reforma que julgamos necessaria no nosso estado actual. Todavia cremos não exceder as extremas em que nos havemos circunscripto, apresentando

as bases essenciaes sobre que entendemos dever assentar qualquer lei que houvesse de ser promulgada a favor da moralidade e da saude do povo do Rio de Janeiro.

1.º A questão da necessidade da prostituição é uma d'estas questões interminaveis, e que tem sido habilmente sustentada pelas opiniões que se contrastam. Cicero dizia que « vedar á mocidade todo o amor das meretrizes seria o principio de uma virtude severa, mas que este principio não se compadece com o relaxamento do seculo, ou mesmo com os usos e a tolerancia da sociedade » (1); e um grande genio da nossa Igreja, o muito sabio e Santo Agostinho, tendo profundamente estudado o homem e suas paixões, tolera a prostituição, como um mal que obvia outros males mais graves (2). Duchatelet opina que as meretrizes são tão inevitaveis em uma agglomeração de homens, como os canos de despejos, as sentinas e os depositos de immundicias, e que a conducta da autoridade deve ser attenuar, quanto for possivel, os inconvenientes que lhes são inherentes, e por isso esconde-las nos cantos mais obscuros. Portanto imbuidos no principio enunciado por Sabitier « que quando um abuso é indestructivel, é de uma sã politica estabelecer certa ordem no seio mesmo da desordem »; convencidos, pela historia, e pelo estudo do homem, da inutilidade e do perigo de qualquer lei prohibitoria da prostituição, cremos que esta vibora deve ser tolerada, vigiada, e regulada em seus movimentos até certo ponto; mas que jamais deve ser uma instituição civil. Outorgar ao vicio todas as largas para satisfazer-se, é não sómente favorecer-lo como acoroçoa-lo; é ferir todos os principios de moral.

2.º As mulheres publicas devem estar sujeitas á vigilancia immediata da policia, e para isto é conveniente acantoe-las nas ruas de menos transito, e muito importa a adopção d'estas casas, (hoje adoptadas nas grandes cidades da Europa), em que ellas, reunidas em communidade, vivem subordinadas á inspecção de uma regente, que torna-se até certo ponto a responsavel pelos insultos praticados em seu bordel contra a moral, a saude, e a tranquillidade publicas. D'esta maneira mais prompta e eficaz será a vigilancia da policia; as desordens da libertinagem serão mais facilmente conhecidas e reprimidas; o pudor não soffrerá a escandalosa torpeza e indecencia das palavras, acções, gestos e desalinho no vestir da mais ignobil das classes. As senhoras honestas poderão passear á noite sem temer os abalroamentos grosseiros de homens petulantes que na escuridão muitas vezes as confundem com essas miseraveis. As prostitutas nesta cidade, morando quasi todas em casas terreas, deixam frequentemente átravez das rotulas apparecerem as scenas immundas de sua

(1) Verum si quis est, qui etiam meretricis amoribus interdictum juventuti putet, est ille quidem valde severus, negare non possum, etc. — Oratio pro Caelio.

(2) Duchatelet cita este trecho de Santo Agostinho: Quid sordidius, quid inanius decoris et turpitudinis plenius meretricibus, lenonibus, ceterisque hoc genus pestibus dici potest? Aufer meretrices de rebus humanis, turbaveris omnia libidinibus; constitue matronarum loco, labe ac dedecore dehonestaveris. Sic igitur hoc genus hominum per suos mores impurissimos vita, per ordinis leges conditione villissimum.

libertinagem ; e quem não conhece o perigo d'este facto, todos os dias repetido á face do povo ? Concentrai a prostituição : é o mais solido garante que se pôde oferecer á moral, á saúde, e á segurança do publico.

3.º As mulheres que fazem máo uso de seu corpo devem ser visitadas por medicos competentemente autorisados para investigar seu estado de saúde, e no caso de serem encontradas molestas, a policia deve obriga-las a se recolherem á um hospital de venereos, cuja creação é de imperiosa e urgente necessidade no estado em que hoje se acha a cidade do Rio de Janeiro. O unico hospital que temos, o da Santa Casa da Misericordia, nunca destinou enfermarias para receber exclusivamente os doentes de enfermidades syphiliticas ; e as mulheres publicas, não querendo misturar-se com as infelizes que procuram aquelle abrigo, porque se reputam em uma sphaera superior, preferem antes a extrema miseria em sua casa aos soccorros que lhes depara a caridade publica. Um pequeno hospital portanto, ou pelo menos uma enfermaria sufficiente n'aquelle que a Santa Casa está construindo, e onde as prostitutas estejam sujeitas á certas praticas religiosas e policiaes, nos parece ser a medida que mais importa á salubridade publica, relativamente ás enfermidades venereas.

4.º O bom senso, e a nossa civilisação reclamam leis fortes que reprimam o charlatanismo, ou então melhor execução das que temos.

5.º Sabatier propoem que sejam vedados nos theatros ás prostitutas os lugares em que ellas ficam de alguma sorte confundidas com as senhoras honestas, e que nem possam sahir de dia á rua. Convirão estas medidas ? A primeira ao menos nos parece um meio muito azado para subtrahir ás mulheres do trato mais esta occasião de ostentarem sua impudicicia. O stoico que procura desarraigar todas as paixões e o epicurista que se entrega ao desenfreamento de todos os desejos, ambos vão fóra da natureza humana, e se as leis não podem mudar a sua organização, se ella não tem força para extirpar este cancro vergonhoso e inseparavel das sociedades, é mister provar a sua moralidade não deixando que elle difundá sobre as pessoas honestas suas exalações mephiticas, seus vapores asquerosos, e reprimindo a prostituta sob o gravame da ignobilidade.

6.º A prostituição clandestina, que por sua natureza escapa ao tiro das leis, e furtase á vigilancia da mais atilada policia, é entre nós exercida, como já dissemos, quasi exclusivamente pelas escravas ; e por tanto é a prostituição clandestina do Rio de Janeiro a mais funesta, e a mais baixa que se conhece. Quereis dar-lhe garrote ? Principiai por abolir a escravidão nesta capital, onde os escravos são um objecto de mero luxo ; se a nossa lavoura não pôde já dispensar os braços africanos, nesta cidade não ha lavoura, e aqui por tanto podemos prescindir d'este vergonhoso mercado, que nos corrompe por todos os modos. Esta idéa nada tem de desarrazoada e de inexecutable, e se ella fosse adoptada seria o incentivo para a realisação de um vasto pensamento, a nossa regeneração moral. Bem sabemos que isto não faria cessar a prostituição clandestina ; porém não seria ella tão vergonhosa e tão fatal em seus resul-

tados. E' em favor da religião, da moral, e da saude do povo da capital do Brasil que erguemos a nossa voz, e por tanto não tememos de bradar que é urgente, e muito urgente que principiemos a terminar o espectáculo de uma cidade inteira flagellada pela praga da escravidão, que sobre nós despeja a jorros o veneno da corrupção (1).

Não levaremos mais longe o programma das medidas que entendemos serem precisas para reprimir os estragos da prostituição para não degenerarmos em utopista. Não será sem extrema difficuldade que se conseguirá estabelecer qualquer reforma sobre a prostituição publica; mas tambem para o futuro dobrados serão os abstraculos.

A philosophia nos brada que façamos sobre nós um esforço para espedacar os laços que nos prendem ao vicio, e á mediocridade, e que não imitemos esses povos da China, que, escravizados pelo costume, deixarão que lhes cortem antes a cabeça do que os cabellos (1).

Ainda outra vez, teremos de vencer innumeradas difficuldades; porém mais glorioso será o triumpho: recuar ante as vicissitudes de uma revolução moral, que levantaria um povo inteiro de uma condição vergonhosa e miseravel, seria preferir males eternos á commoções passageiras.

Temos concluido a tarefa que tomámos: nosso trabalho mal acabado vai correr o campo da imprensa para soffrer a sorte de quem á elle se aventura sem a egide da erudição. Repetições enfadonhas, idéas communs, e outros defeitos, uns dependentes da propria natureza do trabalho, outros de nosso apoucamento, é o que nelle se acha de mais notavel. Muitas vezes nossas idéas se encontrarão com as de outros escritores, e nem se pode evitar este accidente em materia de moralidade, em que os espiritos estão temperados em unisonancia; mas o que lemos o demos á seus autores, e o que escrevemos, foi-nos por elles inspirado. Isto mesmo custa trabalho não pequeno, e um illustre moralista francez, Vauvenargues, nos desculpa com este seu apophthegma: — *Il est plus aisé de dire des choses nouvelles que de concilier celles qui ont été dites.*

(1) Lemos no Espirito das leis de Montesquieu que em Constantinopla a escrava que provar que seu senhor a violou, é declarada livre e com direitos á indenisação; e que entre os Lombardos se o senhor perverter a mulher de seu escravo, ficam ambos forros. "Temperement admirable" "exclama elle" pour "prévenir et arreter, sans trop de rigueur, l'incontinence des maitres!" e apoia estas leis com o seguinte principio: "les lois de la pudicité sont du droit naturel, et doivent être senties par tous les nations du monde. Que si la loi qui conserve la pudicité des esclaves est bonne dans les états où le pouvoir sans bornes se joue de tout, combien le sera-t-elle dans les monarchies?" Porque razão nem uma lei entre nós poem um freio á lascívia de muitos senhores, e de muitas escravas?

(2) Expressão de Virey.

## HIPPOCRATIS APHORISMI.

---

### I.

Ad extremos morbos, extrema remedia exquisite optima. (Sect. 1.<sup>a</sup> aph. 6.<sup>o</sup>)

### II.

Ubi somnus delirium sedat, bonum. (Sect. 2.<sup>a</sup> aph. 2.<sup>o</sup>)

### III.

Non satietas, non fames, neque aliud quicquam bonum est, quod supra naturæ modum fuerit. Sect. 2.<sup>a</sup> aph. 4.<sup>o</sup>)

### IV.

Impura corpora quo magis nutriveris, eo magis lædes. (Sect. 2.<sup>a</sup> aph. 10.)

### V.

Facilius est potu repleri quam cibo. (Sect. 2.<sup>o</sup> aph. 11).

### VI.

Si rigor incidat febri non intermittente, debili jam existente ægro, lethale. (Sect. 4.<sup>o</sup> aph. 46).



Esta these está conforme os Estatutos. Rio de Janeiro 10 de Dezembro de 1845.

DR. FRANCISCO JULIO XAVIER.